



**FACULDADE CALAFIORI**

**AUTORAS: LÍLIAN DE SOUZA SPÓSITO**

**MARIA GORETE DE OLIVEIRA SILVA**

**A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE  
FORMAÇÃO DO LEITOR**

**São Sebastião do Paraíso – MG**

**2014**

AUTORAS: LÍLIAN DE SOUZA SPÓSITO

MARIA GORETE DE OLIVEIRA SILVA

# A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori – como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Marília de Souza Neves

**Coorientadora:** Dra. Gismar Monteiro C. Rodrigues.

**Linha de pesquisa:** Bibliográfica

**São Sebastião Do Paraíso – MG**

**2014**

**TEMA: A Literatura Infantil No Processo De Formação Do  
Leitor**

**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**AVALIAÇÃO:** (    ) \_\_\_\_\_

---

**Professora Orientadora**

---

**Professora Coorientadora**

---

**Professor Avaliador da Banca**

---

**Professor Avaliador da Banca**

EU, LILIAN, dedico a minha família, por sua capacidade de acreditar em mim e investir em mim. Mãe, seu cuidado e dedicação foram o alicerce para seguir em frente.

EU, MARIA GORETE, dedico aos meus pais pelo alicerce, zelo e ensinamentos para a construção da minha vida.

Ao meu esposo Carlos Antônio da Silva, por sua existência, por estar sempre ao meu lado, pelo companheirismo, respeito e incentivo, pela paciência e sabedoria.

Aos meus filhos, Carlos Henrique de Oliveira Silva e Flávio Augusto de Oliveira Silva: MINHA LUZ!!!

Aos meus queridos irmãos, pelo carinho.

Aos meus amigos que tanto me deram força quando eu fraquejava.

Ao meu querido primo, Fernando Vitalino, que me auxiliou com tamanha disposição e educação para chegar onde estou.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, agradecemos por nossas vidas, paz e tranquilidade em todos os momentos de nossa vida.

A todos os profissionais da Faculdade Calafiori, o nosso muito obrigada.

À coordenadora do curso de Pedagogia Ms. Gismar Monteiro Castro Rodrigues, pela dedicação ao ensino e pelos conhecimentos transmitidos para nossa formação.

Em especial à orientadora Marília Neves pelo incentivo, paciência e dedicação durante a realização desse trabalho.



*Um país se faz com homens e livros.*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral pesquisar quais propostas podem ser trabalhadas na Educação Infantil para incentivar a leitura por meio da Literatura Infantil. Não há cultura que não admire suas histórias, tradições e lendas, pois são a expressão de seu povo e devem ser preservadas. Assim, é interessante pesquisar outras maneiras de se trabalhar a criança com o intuito de transformá-la em leitor, pois livros didáticos apenas fazem com que a aula fique cansativa, sem motivação, e logicamente não cria um hábito saudável de leitura. Justifica-se o tema pelo fato de que as autoras, cansadas de observar nas escolas o “ledor”, quiseram entender o porquê isso ocorre e, além disso, para serem diferentes no futuro trabalho. Concluiu-se que há inúmeras propostas embasadas na Literatura Infantil que podem ser trabalhadas desde a Educação Infantil para que a criança se torne um leitor, e não um ledor. Propostas estas divertidas e que além de trazer o benefício da leitura por prazer, trazem benefícios no desenvolvimento da criança, ensina-a a ser crítica, a enfrentar a vida. Mas, para que a criança realmente seja um leitor, há de se ter um trabalho em conjunto, família e escola, pois são os principais meios de que a criança mais participa. Na pesquisa foi utilizado o método de natureza bibliográfica.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Literatura Infantil. Leitor. Ledor.

## ABSTRACT

The present work has as main objective research proposals which can be worked in early childhood education to encourage reading through Children's Literature. There is no culture that does not admire their stories, traditions and legends, they are the expression of his people and should be preserved. Thus, it is interesting to research other ways to work with the child in order to transform it into reader since textbooks only make the class becomes tiresome, no motivation, and logically does not create a healthy reading habit. Justified the theme by the fact that the authors, tired of observing in schools "ledor" wanted to understand why this occurs and, moreover, to be different in the future work. It was concluded that there are numerous proposals based in the Children's Literature that can be worked from kindergarten so that the child becomes a reader, not a ledor. Proposed these fun and that also brings the benefit of reading for pleasure, bring benefits in child development, teach him to be critical, to face life. But for the child really is a reader, one must have a working together, family and school, as they are the primary means that the child participates more. In the survey method was used for bibliographic nature.

**Word-keys:** Early Childhood Education. Children's Literature. Reader. Ledor.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>15</b>
2.1Histórico: origem e evolução da Literatura Infantil.....	15
2.2Definição.....	26
2.3Importância.....	27
2.4Características.....	29
2.5Faixa etária.....	32
<b>3 A LEITURA LITERÁRIA .....</b>	<b>40</b>
3.1O que é ler?.....	40
3.2Importância da Leitura Literária na infância.....	46
<b>4 PROPOSTAS DE TRABALHO COM A LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>54</b>
4.1Preliminares.....	54
4.2Propostas para incentivo à leitura por meio da Literatura Infantil.....	59
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>75</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Bebês com livros.....	41
Figura 2 – Professora contando histórias e dramatizando.....	44
Figura 3 – Mãe lendo para o filho.....	48
Figura 4 – Exemplo de Cantinho de Leitura.....	63
Figura 5 – Branca de Neve e os Sete Anões.....	65
Figura 6 – Os Três Porquinhos.....	68
Figura 7 – Personagens do Sítio do Picapau Amarelo e ao centro Monteiro Lobato.....	70

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura é parte de nós, por meio de obras literárias, toma-se contato com a vida, nas suas verdades eternas e comuns a todos os homens e lugares, pois são as mesmas verdades da condição humana. Ela é uma forma de expressar por escrito todo o processo histórico-social do momento, com muitos efeitos especiais, com fantasia e imaginação.

A literatura infantil na Educação Infantil preserva valores educativos, cívicos, patrióticos e morais, sendo um veículo de repasse desses princípios, e os textos passam a ser valorizados em função dessas qualidades. Também é entendida como agente emancipador, capaz de projetar a criança para além do universo cotidiano, criando a vida como pode ser vivida. Por isso, seu caráter educativo, em sentido amplo, deve ser resgatado, em detrimento da função meramente pedagógica (CUNHA, 2001).

Para Frantz (2001, p. 16),

[...] a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas.

Mas, apesar de a literatura abrir portas e janelas para um universo fascinante de conhecimentos, curiosidades, muitas crianças e jovens não se sentem motivados a ler. Talvez isso seja um reflexo da leitura utilitária, meramente instrucional que por vezes se trabalha nas práticas pedagógicas. Precisa-se incentivar as crianças a ter uma leitura prazerosa.

Cabe ao professor da Educação Infantil proporcionar ao aluno as muitas sensações que podem decorrer da leitura de um texto de literatura infantil, como destaca Oliveira (1996, p. 28):

Leitura-prazer, em se tratando de obra literária para crianças, é aquela capaz de provocar riso, emoção e empatia com a história, fazendo o leitor voltar mais vezes ao texto para sentir as mesmas emoções. É aquela leitura que permite ao leitor viajar no mundo do sonho, da fantasia e da imaginação e até propiciar a experiência do

desgosto, uma vez que esta é também um envolvimento afetivo provocador de buscar a superação.

Percebe-se que os trabalhos a serem desenvolvidos com a literatura infantil são diversos e produtivos, mas o que mais é preocupante é como direcionar este trabalho para conseguir fazer da criança um leitor e não apenas um 'ledor' (HUPPES, 2006).

Pode-se conceituar "ledor" a criança que lê para cumprir uma tarefa e "leitor" aquele que vai além, que lê por prazer e por necessidade de buscar mais conhecimentos e conseqüentemente entender melhor o mundo que a cerca. É comum os educadores se interrogar por que as crianças e jovens ainda leem tão pouco (HUPPES, 2006).

É extremamente desagradável se fazer algo que não se quer, ou ser empurrado a fazer, imagine a criança que tem dentro de si o instinto da liberdade, do não querer por querer. Desta forma, tornar hábito da leitura uma prática prazerosa no dia a dia da criança é uma tarefa e um desafio para o educador, porém é preciso entender a leitura como uma construção de sentidos, que abrange diversas linguagens, a corporal, a plástica, a musical.

Desta forma, o tema de nossa pesquisa é a *formação do leitor*, que teve como título "*A Importância Da Literatura Infantil No Processo De Formação Do Leitor*", pois esta é muito presente desde cedo na vida das crianças pelo fato de que seus pais narram contos de fadas que incorporam na mente delas como um alimento de sua imaginação criadora, abrindo caminhos para as suas próprias produções, como explica Debus (2006, p. 1):

A criança entra em contato com a produção literária desde os seus primeiros dias de vida, se reconhecermos a poeticidade emanada das cantigas de acalanto, verdadeiros poemas de afago, que estão presentes no imaginário infantil num jogo de proteção e repressão, como "Nana nenê, que a cuca vem pegar..."; "Boi, boi, boi da cara preta essa criança que tem medo de careta...". Outro recurso poético encontra-se nas parlendas: "Hoje é Domingo, teu pai é gringo..."; "Cadê o pedaço de toucinho que estava aqui?...". Nas trava-línguas: "O rato roeu a roupa do rei de Roma". Nas adivinhas: "O que é o que é, tem escama e não é peixe? Tem coroa e não é rei?". Na lengalenga: "Uni-duni-tê..., um dois feijão com arroz...". Bem como em uma infinidade de formas poéticas que circundam o mundo infantil.

A Literatura Infantil possui inúmeros poderes frente à Educação, e um deles é de provocar o imaginário das crianças, de despertar o interesse para responderem as dúvidas em relação a tantas perguntas, de encontrar novas ideias para resolver questões e induzir a curiosidade do pequeno leitor.

O problema que foi apontado e estudado na pesquisa: A Literatura Infantil quando bem trabalhada na escola pode levar a criança a ingressar no processo de formação de leitor?

Ninguém nasce lendo, mas quase todas as crianças já quando bem pequeninas, no berço, já escutam canções de ninar; e quando crescem mais um pouquinho ouvem da mãe, ou do pai, ou da babá lindos contos de fadas, um dos gêneros da Literatura Infantil. Portanto, a Literatura Infantil está presente na vida de uma criança desde muito cedo.

Ao chegar na escola essa mesma criança ouve da professora lindas histórias condizentes com a sua faixa etária, que a leva a sonhar, a ser a princesa, a imaginar cada “pedacinho” de narração.

Quanto mais a leitura for exercida pelo indivíduo, maior será sua chance de ampliar seu conhecimento de mundo. É comum ouvir dos professores que é preciso criar o “hábito de leitura” nas crianças. Entende-se que “hábito” é algo que se faz mecanicamente, sem a preocupação de buscar significados, porém o que deve ser incentivado é o “gosto pela leitura,” em que a criança sinta prazer quando está lendo.

Na maioria das escolas, “o gosto pela leitura” tem sido vetado pela “obrigação em ler” por nota, em vencer mais uma etapa.

Assim, cansadas de observar nas escolas um “ledor”, queremos entender o porquê isso ocorre e, além disso, tentarmos ser diferentes em nosso futuro trabalho. Portanto, fez-se necessário pesquisar o tema em questão, pois o julgamos essencial para se ter uma educação de qualidade em nosso país, para se ter um “leitor” em nossas escolas.

Dessa forma, foram elaborados os seguintes objetivos que se faz saber:

Objetivo geral: pesquisar quais propostas podem ser trabalhadas na Educação Infantil para incentivar a leitura por meio da Literatura Infantil.

Os objetivos específicos foram os seguintes:

- Destacar a importância da Literatura Infantil;

- Retratar se a Escola está preparada para levar as crianças a experimentarem um mundo novo de descobertas por meio da Literatura Infantil;
- Mostrar por que ler, mas sendo um “leitor” e não “ledor”.

Com o objetivo de aumentar a compreensão e identificar o que os outros autores falam sobre o tema, foi realizado um estudo bibliográfico distribuído em três capítulos:

- Capítulo 1 – Apontou-se as noções gerais sobre a Literatura Infantil: importância, histórico, características, faixa etária;
- Capítulo 2 – Destacou-se sobre a definição de ler e sua importância;
- Capítulo 3 – Revelou-se propostas de trabalho com a Literatura Infantil.

## 2 A LITERATURA INFANTIL

### 2.1 HISTÓRICO: origem e evolução da Literatura Infantil

Para retratar a história da Literatura Infantil deve-se falar primeiramente no seu leitor: a criança.

Na sociedade antiga, antes de 1660, não havia separação alguma entre o mundo adulto e o mundo da criança. “As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos” (ZILBERMAN, 2003, p. 40). Estes as tratavam com hostilidade, e por não serem bem tratadas, conseqüentemente muitas morriam. Assim, “não havia laços afetivos, pois a criança era pouco considerada e a figura materna não se fazia presente nos primeiros dois anos de vida” (ZILBERMAN, 2003, p. 40).

Entre os séculos XVII e XVIII foram ocorrendo extraordinárias mudanças na prática de criação das crianças, principalmente entre a alta burguesia e os profissionais liberais. “Os cueiros apertados deram lugar às roupas mais soltas, a mãe começa a ser a figura dominante na vida infantil” (ZILBERMAN, 2003, p. 40).

No século XVII, a organização era fortemente patriarcal, influenciada e estimulada pelos protestantes, assim os pastores consideravam que a criança podia ser educada somente pela educação religiosa rígida. Aqui há um interesse especial pela criança, fazendo surgir a adição dos primeiros tratados de pedagogia, escritos pelos protestantes ingleses e franceses.

Foi neste momento, na França, que a literatura infantil iniciou-se por meio da obra fantasiosa de Perrault e pela obra de caráter didático de Fénelon.

“O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos” (COELHO, 2000, p. 13).

Antes disso, não havia puramente uma infância, pois as crianças eram caracterizadas como adultos em todos os sentidos, desde sua vida social até em vestimentas, modos. Não havia livros voltados às crianças, nada que pudesse significar Literatura Infantil, por isso a origem da mesma pode ser datada a partir dessa época em que houve a publicação de livros meramente pedagógicos, utilizados como meio de auxílio ao ensino.

Zilberman (2003, p. 41) comenta que

[...] a origem da Literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo "status" concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela.

Perrault, um erudito francês do século XVII, tornou-se célebre e imortal pelo livro *Contos de Mamãe Gansa*, que organizou de histórias recolhidas junto ao povo, respeitando o que tivesse de cruel, de moral própria e de poético. Assim, foi o primeiro escritor a conceder estrutura literária aos contos e devido a isso é considerado o pai da Literatura Infantil.

Coll e Teberosky (2000, p. 119) comentam a obra de Perrault:

Em sua vasta obra, A Gata Borralheira é o símbolo do personagem humilhado e maltratado. O Gato-de-botas é o pícaro a tirar proveito da corrupção social. O Pequeno Polegar é o anão astuto que vence gigantes bobos. Ou seja, seus personagens se armam com os atributos da inteligência e da perspicácia para vencer a força bruta: o poderoso opressor. Perrault foi responsável pela introdução dos desprivilegiados nos salões, em contos cujas personagens são as mais estereotipadas: a madrasta, o lobo e os irmãos mais velhos são sempre maus. Os fortes e poderosos são de nítida descendência canibalesca, de devoração dos mais fracos.

Assim, como se vê a obra de Perrault é de uma importância tão grande para aquela época, pois não havia uma literatura específica para crianças, que ela perdura nos dias de hoje e também de forma bem interessante e prazerosa não somente para o público infantil, mas para todas as idades.

No mesmo período, como já comentado, encontra-se “outro intelectual de prestígio da corte francesa, Jean de La Fontaine, o qual dedica-se ao resgate das antigas historietas moralistas, guardadas pela memória popular: as Fábulas” (COELHO, 2009, p.28).

Mas o que seriam fábulas? “Narração alegórica cujas personagens são, em regra, animais, e que encerra lição moral” (FERREIRA, 2004, p. 393).

Esse escritor francês se utilizava de várias fontes documentais da antiguidade como da “Grécia (Fábulas de Esopo); Roma (Fábulas de Fedro); parábolas bíblicas, coletâneas orientais e narrativas medievais ou renascentistas” (COELHO, 2009, p. 28).

Assim,



[...] foi pelo empenho de La Fontaine que se divulgaram, no mundo culto, as fábulas populares: O Lobo e o Cordeiro; O Leão e o Rato; A cigarra e a Formiga; A Raposa e as uvas; Perrete; A Leiteira e o pote de leite, dentre outras. Todas alimentadas de uma sabedoria prática que não envelheceu, pois se fundamenta na natureza humana, e estão vivas, como sabemos, através dos milênios (COELHO, 2009, p. 28).

La Fontaine buscou, por vinte e cinco anos, textos antigos e os reelaborou em versos, dando a eles forma literária e conseqüentemente denominadas de Fábulas de La Fontaine .

Em suas fábulas Fontaine utilizava-se de textos com caracteres secretos onde se denunciava as intrigas, desequilíbrio e injustiça que aconteciam dentro da corte ou com o povo (COELHO, 2009).

Mas, de acordo com o historiador francês Ariès (1981, p. 49),

[...] é a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Antes disso, além da criança participar ativamente da vida social do adulto, participava também de sua literatura. Assim, distingue-se dois tipos de crianças, com acesso a uma literatura muito diferente. Cunha (1997, p. 19) explica esses tipos de crianças:

A criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares.

Estes fatos relatados acima, aconteceram justamente com o advento da revolução industrial, época de inovação econômica, social e política, quando começa a refletir uma preocupação com a infância. Como já foi informado, a criança passa então a ser observada com suas próprias características, desejos e necessidades, sendo bem diferenciada do adulto. De acordo com Cunha (1997, p. 20),

[...] a escola para ocupar a criança durante esta etapa de sua vida e ao mesmo tempo querendo informá-la para momentos futuros de sua

existência, converte-se no intermediário entre a criança e a cultura, usando como fonte entre ambos, a leitura.

Após Perrault e as fábulas de Fontaine, no século XVIII, na Alemanha, dois irmãos apaixonados por histórias infantis, Jacob e Wilhelm viajaram por todo este país conversando com o povo, levantando suas lendas e sua linguagem e recolhendo um grandioso material oral, o qual transcrevia à noite. Estes irmãos eram os irmãos Grimm, sendo que eles no início não pretendiam escrever para crianças, tanto que seu primeiro livro não se destinava a elas. “Só em 1815 Wilhelm mostrou alguma preocupação de estilo, usando seu material fantástico de forma sensível e conservando a ingenuidade popular, a fantasia e o poético ao escrevê-lo” (ABRAMOVICH, 2004, p. 123).

As características da Literatura dos irmãos Grimm eram bem diferentes de Perrault, pois os primeiros viviam em um período da história em que o Romantismo trouxe ao mundo um ideal mais humanitário, assim a solidariedade e o amor ao próximo estavam mais presentes. Portanto, da obra dos irmãos Grimm, por exemplo, era retirada a negatividade do enredo e substituída por esperança, confiança, amor. Segundo Coelho (2009, p. 29),

[...] confrontando os finais da estória do "*Chapeuzinho Vermelho*"; em Perrault (que termina com o lobo devorando a menina e a avó) e em Grimm (onde o caçador chega, abre a barriga do lobo, deixando que as duas vivam vivas e felizes; enquanto o lobo morria com a barriga cheia de pedras que o caçador ali colocou...).

Logo nesta fase o conto já era destinado ao seu novo público, público este que desejava doçura em suas palavras surgindo assim o tão famoso final feliz.

Segundo Oliveira (2005, p. 1), nos Contos de Grimm não há, propriamente, contos-de-fadas, distribuem-se em:

- contos-de-encantamento (estórias que apresentam metamorfoses, ou transformações, por encantamento, a maioria);
- contos maravilhosos (estórias que apresentam o elemento mágico, sobrenatural, integrado naturalmente nas situações apresentadas);
- fábulas (estórias vividas por animais, algumas);
- lendas (estórias ligadas ao princípio dos tempos, ou da comunidade, e onde o mágico aparece como "milagre" ligado a uma divindade);
- contos de enigma ou mistério (estórias que têm como eixo um enigma a ser desvendado);
- contos jocosos (humorísticos ou divertidos).

Foi com todo esse conteúdo de encantamento que se abriu os caminhos para este novo gênero literário.

Dentre as principais obras dos Irmãos Grimm estão: “Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, O Ganso de Ouro, Os Sete Corvos, Os Músicos de Bremen, A Guardadorade Gansos, João e Maria, O Pequeno Polegar” (COELHO, 2009, p. 29).

Cunha (1997, p. 20) explica que,

[...] com o domínio generalizado da habilidade de ler, consequência da ação eficaz da escola, há uma irreversível democratização do saber. E ao mesmo tempo, aparecem as primeiras expressões da cultura massificada devido à exploração de uma literatura popular, cuja transmissão se fizera até aquele momento por intermédio das formas orais, acompanhadas pela música.

No século XIX, a criança burguesa encontra-se integrada no contexto familiar, e a mulher se fortifica na organização doméstica. Já para a criança proletária nada se modificou, esta continuou sendo desprezada, forçada a trabalhar bem cedo, subjugada, destrutada por meio de violência ou então negligenciada diante do ambiente familiar. E, desta maneira provocando uma falha na socialização da criança.

Felizmente, de acordo com Cunha (1997, p. 20),

[...] com o passar dos anos, a escola passa a adquirir especial significação em se tornar o traço da união entre a criança e o mundo, restabelecendo a unidade perdida, pois a criança está isolada do mundo dos adultos e da realidade exterior. A instituição escolar trouxe respostas particularizadas nas diferentes camadas e que correspondeu no plano da educação para prática social no nível comunitário.

Na Europa o ensino passa a ser obrigatório e gratuito, e conseqüentemente as crianças são retiradas do mercado e, principalmente, as operárias voltam à escola. Nesta época, é instituída certa igualdade, criando-se condições tanto para o rico quanto para o pobre, e assim, acesso à literatura.

Neste período da história, na Dinamarca, eis que surge Hans Christian Andersen como escritor de contos infantis, sendo que estes originaram da sua própria infância vivida em um hospital, onde ele ficava horas escutando histórias das velhas fiadeiras.

Seu estilo era respeitar a fé cristã, os valores populares, a fraternidade e a generosidade humana, como relata Coelho (2009, p. 30):

Andersen se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhes o ideal religioso que vê a vida como o “vale de lágrimas” que cada um tem de atravessar para alcançar o céu. A par do maravilhoso, seus contos se alimentam da realidade cotidiana, na qual imperam a injustiça social e o egoísmo. Daí que, em geral, os Contos de Andersen sejam tristes ou tenham finais trágicos (e muitos deles tenham “envelhecido”) (COELHO, 2009, p. 30).

Além disso, o seu estilo também se fez diante da infância nostálgica que viveu, com a morte do pai, da relação conturbada com a mãe e da preferência de viver sozinho aos 14 anos de idade. Abramovich (2004, p. 123) diz que “nele o maravilhoso é a sua própria alma e seu mundo vivo, produto de sua própria vida. É o poeta da infância.”

Em toda a sua vida escreveu aproximadamente 156 contos, entre eles: A Princesa e a Ervilha, A Menina dos Fósforos, O Soldadinho de Chumbo, As Roupas Novas do Imperador, A Polegarzinha.

Coelho (2009, p. 31) aponta que Andersen teria sido a “primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para as crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem empregados pela nova sociedade que naquele momento se organizava.”

Viu-se três estilos de contar histórias infantis, Perrault, irmãos Grimm e Andersen e cada um com sua riqueza e forma de levar a criança a sonhar, a fantasiar.

No século XX, houve Walter Elias Disney, um cineasta, produtor, que na realidade não escreveu nenhum conto, entretanto produziu histórias de Perrault, irmãos Grimm e Andersen de forma tão maravilhosa para as telas do cinema que não somente as crianças adoravam, como também os adultos, tamanha riqueza de encantamento e magia.

Costa e Baganha (1991, p. 23) explica que,

[...] Por meio de suas adaptações ele excluía temas cruéis e assim privava o público de algo aterrorizante, de mal gosto. Dessa forma, seus filmes voltados particularmente para o público infantil também são classificados como filmes para toda a família.

O primeiro reconto e produção de histórias infantis famosas realizadas por Disney foi o Pinóquio, e logo depois a Cinderela. Mas, não foram apenas esses filmes que fizeram com que Disney se tornasse mundialmente famoso, ele também foi criador de inúmeros personagens encantados e mágicos, como um camundongo chamado Mickey Mouse; um pato todo divertido e namorado da Margarida chamado Pato Donald; o professor sábio, Professor Pardal; o papagaio malandro, chamado Zé Carioca; enfim muitos outros que marcaram a infância de muitas pessoas.

Já olhando para a parte científica encontra-se Vladimir Propp, estruturalista russo que de acordo com Pavoni (1989), foi o primeiro a estudar os contos de uma maneira mais aprofundada. Ao pesquisar cem narrativas da época ele concluiu que todas as histórias tinham a mesma sequência de ações, e apesar das diversidades temáticas todas elas tinham a mesma origem.

Como esclarece Lafetá (2004, p. 79),

[...] Vladimir Propp demonstrou que os contos populares se constituem sempre em torno de um núcleo simples. O herói sofre um dano ou tem uma carência, e as tentativas de recuperação do dano ou de superação da carência constituem o corpo da narrativa.

Segundo Coelho (2008) foi Propp o responsável por classificar as histórias com começo, confronto e superação. O começo ou início pode-se dizer que é o período caracterizado pelo aparecimento do problema a ser resolvido, sendo que é nesse ponto que surge o herói ou a heroína; depois é o momento do grande confronto, momento este responsável pela ruptura dos laços concretos onde o herói sai em busca de soluções para o problema deixando tudo para trás e buscando superar o desconhecido; já a superação é o grande ápice da história um momento onde o herói ou heroína supera seus problemas, aceita o novo e faz com que seu leitor retorne à realidade.

Ao classificar os contos são encontrados em sua estrutura rituais conclusivos de que os contos eram utilizados pelos mais velhos como instrumento de informação. Eles eram repletos de informações de seu povo ou até mesmo de uma época. Um momento onde o patriarca mostrava aos seus ancestrais todos os costumes e crenças de seu povo, um momento em que a cultura de um determinado povo prevalecia.

Assim, foi um período marcado por moralidade em seus textos e ideais burgueses da elite emergente, os quais constituíram a Literatura Infantil.

Lajolo e Zilbermam (2007, p. 22) evidenciam que,

[...] se a Literatura Infantil européia teve seu início às vésperas do século XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os célebres *Contos da Mamãe Gansa*, a Literatura Infantil brasileira só veio a surgir muito tempo depois, quase no século XX, muito embora ao longo do século XIX remonte, registrada aqui e ali, a notícia do aparecimento de uma ou outra obra destinada a crianças.

O início da Literatura Infantil no Brasil foi “com obras pedagógicas e, sobretudo adaptações de obras de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” (CUNHA, 1999, p.23).

Jesualdo (1993, p. 56) destaca que,

[...] esse período é representado pelo tradutor Carlos Jansen, por meio da obra *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver a terras desconhecidas* (1888); e pelo adaptador de obras estrangeiras Figueiredo Pimentel, *Contos da Carochinha* (1894), *Histórias da avozinha* (1896), *Histórias da baratinha* (1896).

Entretanto, a Literatura Infantil do início do século XX não era propriamente nacional, mas inspirada em Perrault, irmãos Grimm e Andersen. Mas, com o passar dos anos essa mesma Literatura foi criando asas e focando em comportamentos, raízes e costumes brasileiros. Assim, nas primeiras décadas do século XX origina-se uma nova corrente literária, denominada Modernismo.

Neste novo estilo, surge José Renato Monteiro Lobato, considerado o criador oficial da literatura infantil brasileira.

Segundo Lobato, a história deveria ser contada primeiramente a partir do interesse do leitor, além de ser divertida e lúdica em seu enredo.

Assim, ao ler as histórias de Lobato, a criança se sentia o próprio personagem, tamanha autonomia que Lobato dava a ela. Abramovich (1995, p. 58) revela que,

[...] a entrada e a saída das personagens, a mistura despreconceituosa de adultos/crianças/bichos/professores/padres etc. e tal interagindo...o jeito como as personagens falam, resmungam, xingam, se cansam, comem, observam os outros e o mundo, é incrivelmente perspicaz e divertido...E as frases rápidas, ágeis, destilando algo picante e inusitado, ao lado de parágrafos mais longos — onde tudo acontece quase ao mesmo tempo —

provocam não só uma simpatia total para com suas personagens, sua turma, como a torcida para que todos se saiam bem. Cada livro, uma aventura...Cada aventura, uma aventura!"

Lobato, em meio a toda essa aventura, criou uma das mais famosas obras infantis brasileira, o *Sítio do Pica-Pau-Amarelo*, onde havia personagens como a fabulosa boneca falante Emília; Pedrinho e Narizinho, primos e netos de Dona Benta que era a proprietária do Sítio; um grande sábio feito de espiga de milho, com o nome de Visconde de Sabugosa; a tia Anastácia, cozinheira prendada que fazia deliciosos quitutes para todos; o Rabicó, o porquinho gorducho e falante que gostava da Emília; enfim outros personagens riquíssimos que encantam a criançada e até mesmo os adultos até hoje, como:

O Quindim, um rinoceronte que fugiu do circo e foi morar no Sítio do Pica-pau Amarelo. Ele ganhou esse nome da Emília porque é um "doce" de rinoceronte. A Emília também o nomeou "tomador de conta" oficial do Sítio.

O Tio Barnabé é o ajudante de Dona Benta nos trabalhos no Sítio. Ele é um homem da roça, sabe tudo sobre lendas e superstições. Foi ele quem ensinou Pedrinho a caçar Sacis.

O Saci Pererê, personagem do folclore brasileiro, é um menino de uma perna só que tem uma carapuça vermelha na cabeça, fuma um cachimbo e anda em redemoinhos de vento e folhas secas. É na carapuça vermelha que estão os seus poderes. O Saci ficou amigo de Pedrinho depois que ele o prendeu numa garrafa.

A Cuca nunca deixa o pessoal do Sítio sossegado. Ela é uma bruxa em forma de jacaré que também faz parte do folclore brasileiro. Mora em uma caverna no mato e adora fazer maldades com o pessoal do Sítio. De noite ela sai para assustar as criancinhas que estão dormindo e sempre diz, antes de sair da sua caverna: "*Remelentos e remelentas, se preparem porque a Cuca vai pegar!!!*". Também gosta de transformar gente em estátua de pedra, com o seu pó de virar pedra (SMARTKIDS, 2014).

Em suas obras fica claro que a imaginação do escritor era muito fértil, o amor pelo Brasil era grandioso e a simpatia que sentia pelo meio rural era algo declarável. Lobato também possui um jeito todo especial e inteligente quanto a educar por meio de suas histórias, portanto, há uma mistura de brincadeira com aprendizado e transmissão de mensagens otimistas aos leitores. Além disso, a linguagem de suas histórias era simples e informal, em que os personagens se utilizavam de sotaques regionais para se comunicarem.

Em sua obra não se pode deixar de citar o famoso pozinho mágico (pirlimpimpim), o qual era o responsável por romper todos os limites do tempo e

espaço, utilizava-se de vários elementos mitológicos, tanto da mitologia grega como do folclore brasileiro, até mesmo dos contos clássicos.

Enfatiza-se novamente que Lobato foi considerado o criador da Literatura Infantil brasileira, pois antes dele as obras para crianças escritas no Brasil não tinham características literárias. Ele foi o responsável em fundar uma nova linguagem dentro do campo literário, tendo ele mantido-a sozinho por longos anos por meio de obras como “Memórias de Emília (1936), Viagem ao céu (1932); História do mundo para crianças (1933); Dom Quixote das crianças (1936); Serões de Dona Benta: lições de física e astronomia, O Minotauro (1939)” (NUNES, 2004, p. 218).

Monteiro Lobato foi de tamanha importância que ao longo de sua história foi utilizado como referência por vários escritores, fazendo com que muitos vivessem a sua sombra por muito e muito tempo.

Seu estilo amplia uma visão de mundo, proporcionando conhecimentos de mundo e até mesmo de si.

“Lobato também adaptou contos de Perrault, dos Irmãos Grimm, de Andersen, e de outros autores tradicionais, mas as suas obras são as que ganham maior destaque” (RODRIGUES, et.al., 2013, p. 6).

Sua importância é tamanha que no dia 18 de abril é comemorado o Dia Nacional do Livro Infantil em homenagem ao seu nascimento.

Por meio de Monteiro Lobato abriu-se caminho para muitos escritores infantis de talento, os quais produziram belíssimas obras.

Na década de 70 houve o estouro da literatura infantil brasileira para com o público não somente voltado para esta, mas também para os adultos. Após o mercado infantil se perpetuar, originou-se um vínculo de dependência do livro para com a escola, assim, houve um grande aumento no surgimento de autores criando excelentes obras para o público infantil, dentre eles estavam Ruth Rocha com *Faca sem Ponta*, *Galinha sem Pé*, *Bento que Bento é o Frade* de Ana Maria Machado; Lygia Bojunga Nunes com o livro *Tchau*, Ziraldo com *O Menino Maluquinho*.

De acordo com Frantz (2001), atualmente, a literatura possui algumas tendências que determinam sua produção literária.

Rodrigues, et.al. (2013, p. 6) explica que,

[...] uma dessas tendências é o tradicional conto de fadas, mas atualizado, com características da nossa época, a exemplo de



*Chapeuzinho Vermelho*, de Patrícia Gwinner, cujo teor é a preocupação com a proteção dos animais. *A Fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida, é outro exemplo, no qual a fada é moderna e dotada de ideias revolucionárias.

Outra tendência da literatura infantil nacional é o objetivo de despertar, no leitor, uma ideia mais crítica da realidade, como se revela em *O último broto*, de Rogério Borges, destacando o extermínio do meio ambiente, mas sem deixar de mostrar o maravilhoso, a magia, o humor e a poesia. “Ao mesmo tempo em que a criança ri, sonha e se diverte com a literatura atual, esta também não se omite de convidá-la a olhar ao seu redor e refletir sobre o que está acontecendo, bem como fazia o precursor Lobato” (FRANTZ, 2001, p. 71).

Também tem sido revelado na produção literária brasileira, o humor, particularidade que alegra as crianças, como nas obras de Sylvia Orthof.

Há também como tendência, o folclore, que muitos escritores simpatizam em contar as suas próprias raízes ou as raízes da cultura brasileira de uma forma bem gostosa, divertida e lúdica, como em *A festa no céu*, de Ângela Lago, *O Saci e o Curupira*, de Joel Rufino dos Santos (FRANTZ, 2001).

Outra tendência bem gostosa é a poesia infantil, com maravilhosos escritores como Cecília de Meireles, Vinicius de Moraes, Roseana Murray, Elias José, Maria Dinorah, entre outros (FRANTZ, 2001).

Como se vê, a produção literária contemporânea é extremamente rica, oferecendo ao pequeno leitor um vasto e rico material, que o leva a viagens fantásticas, sonhos, fantasias, ao mesmo tempo, despertando o gosto pela leitura.

Como vimos, a produção contemporânea do gênero é abundante em nosso país, oferecendo ao nosso pequeno leitor um material rico e diversificado, que o convida a embarcar numa viagem lúdica, de fantasia e sonho, despertando-lhe o gosto pela leitura.

As crianças devem esquecer de programas de TV, como desenhos violentos e filmes impróprios para a idade e se entregarem a poemas, lendas, quadrinhos, obras de raízes brasileiras, livros de humor, pois somente assim adquirirão, desde cedo, senso crítico e motivação para serem verdadeiros leitores.

## 2.2 DEFINIÇÃO

Infelizmente, a designação infantil faz com que este estilo literário seja considerado por alguns “menor”, ou seja, não há respeito para com o público infantil.

“O preconceito é tanto em relação a literatura infantil, que muitos autores de literatura infantil relutam em dizer que escreveram suas obras para crianças: preferem afirmar que escreveram, simplesmente, sem destinatário” (CUNHA, 1997, p. 22).

Contudo, os educadores vivenciam de perto a evolução do maravilhoso ser que é a criança. O contato com textos repletos de encantamento faz perceber quão importante e cheia de responsabilidade é toda forma de literatura.

“A palavra literatura é intransitiva, pois exprime ação, e independente do adjetivo que receba, é arte e sonho” (OLIVEIRA, 2005). Sendo assim, o termo infantil relacionado à literatura não significa que ela é voltada apenas para crianças.

Para Aguiar *et al* (2001, p.16), literatura infantil,

[...] são as histórias e os poemas que ao longo dos tempos, seduzem e cativam a criança, embora às vezes não sejam destinados ao público infantil (e o livro *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, é um exemplo).

Portanto, a literatura infantil satisfaz aquele leitor, não somente a criança pequenina, que queira ter acesso a fantasias, ao imaginário, a figuras divertidas.

Coelho (1991, p. 5) destaca que a Literatura Infantil é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo.

Evidentemente, tudo é uma literatura só.

Meireles (1999, p. 21) explica que,

[...] a dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil. São as crianças, na verdade que delimitam o texto, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais

acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois uma Literatura Infantil *a priori*, mas *a posteriori*.

A autêntica Literatura Infantil não deve ser feita apenas com o intuito pedagógico, didático ou para motivar hábito de leitura, deve ser, como já dito, para promover no pequeno leitor um senso crítico, uma vivacidade de ideias. Assim, por isso que é tão difícil cativar este público, pois nenhuma criança gosta de histórias que enfatizam um problema ou mesmo trata de determinado assunto fora da realidade dela. Portanto, o grande segredo é trabalhar o imaginário, os sonhos, o maravilhoso, a magia e a fantasia, mas ao mesmo tempo, na essência da história, explorar aquele fato social ou aquela crítica.

### 2.3 IMPORTÂNCIA

A literatura infantil representa um conjunto de produções literárias referentes a qualquer manifestação do sentimento ou pensamento diante de palavras.

De acordo com Cunha (1997, p. 23),

[...] uma maneira de compreender o mundo é através da literatura infantil, sua função é exatamente fazer com que a criança tenha uma visão mais ampla de tudo que a rodeia, tornando-a mais reflexiva e crítica, frente à realidade social em que vive e atua, desenvolvendo seu pensamento organizado.

A literatura infantil tem o poder de motivar o imaginário, de oferecer resposta a questões duvidosas, de instigar a fim de encontrar soluções a curiosidade do pequeno leitor.

Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai muito além do prazer proporcionado, a Literatura Infantil tem como função perpetuar a iniciação das crianças na construção da linguagem, ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação como pessoa.

Desta maneira, como esclarece Malamut (1990, p.06),

[...] lidas ou contadas, as histórias constituem-se em generoso processo educativo, pois ensinam recreando, dando à criança os estímulos e motivações apropriadas para satisfazer suas tendências, seus interesses, suas necessidades, seus desejos, sua sensibilidade.

O gosto de ler, de ser um verdadeiro leitor, se inicia em casa por meio da família. É que mesmo antes da criança aprender a ler, ela já escuta a mãe, pai ou mesmo a babá contar-lhe aqueles lindos contos, ou mesmo histórias antigas de vó, ou até mesmo cântigas.

A criança tem contato com a produção literária praticamente nos primeiros dias de vida, por meio das cantigas de ninar que a mãe canta no momento dela dormir, é como se fosse um jogo de proteção e repressão, como se pode verificar pelas letras das músicas: “Nana nenê, que a cuca vem pegar...”; “Boi, boi, boi da cara preta essa criança que tem medo de careta...”. Outro recurso poético encontra-se nas parlendas: “Hoje é Domingo, teu pai é gringo...”; “Cadê o pedaço de toucinho que estava aqui?...”. Nas trava-línguas:

O rato roeu a roupa do rei de Roma. Nas adivinhas: O que é o que é, tem escama e não é peixe? Tem coroa e não é rei?. Na lenga-lenga: Uni-duni-tê..., um dois feijão com arroz.... Bem como em uma infinidade de formas poéticas que circundam o mundo infantil (DEBUS, 2004).

Dessa maneira, a Educação Infantil precisa continuar a proporcionar a essa criança todo esse sonho, fantasia, alegria e assim trabalhar a Literatura Infantil, além do que com a mesma haverá a preparação para futuros leitores, e conseqüentemente ao mesmo tempo estará explicando a língua.

A leitura é um instrumento de comunicação; a aquisição de muitos hábitos e habilidades complexas; um processo de compreender, pensar, sentir; reagir; um processo contínuo que se prolonga por muitos anos; um processo necessário para aprender (DEBUS, 2004).

Sales (2001, ps. 26/27) confirma com os dizeres:

Ouvir histórias é um hábito que deve ser cultivado desde bem cedo, uma vez que a criança começa a fazer a leitura dos fatos que vão surgindo no seu dia a dia, mesmo antes de fazer a leitura das letras. Da mesma forma, o contato com as cantigas de ninar funciona como ouvir pequenas histórias e isso contribui para que as crianças comecem a se familiarizar com as palavras de forma prazerosa. Assim, ouvir histórias desenvolve o interesse pela literatura; ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções: medos, incertezas, coragem, ousadia, tristeza, saudade, alegria; aguça a percepção dos sentidos (ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário); e, principalmente, desperta o potencial crítico e criativo da criança, levando-a a pensar, avaliar, emitir sua opinião, ir além das evidências

e, por este caminho, ela passa a se conhecer enquanto agente transformador da sociedade, vendo a vida com todas as suas cores.

Também o escritor Monteiro Lobato, que iniciou a literatura para crianças no Brasil, faz inúmeros comentários em momentos de seus textos, como em cartas, prefácios e entrevistas sobre a proximidade da criança com o livro desde bem pequena e o desprezo de muitos adultos pela leitura, principalmente pela Literatura Infantil, porque, possivelmente, não lhes foi oferecido na infância o convívio com livros que provocassem a imaginação e motivassem para a experiência leitora.

“Observando o comportamento da criança, fica evidente a sua capacidade de inventar histórias, por isso a necessidade de lhe darmos a oportunidade de expressar suas idéias” (SALES, 2001, p. 27).

A função do educador, nesse momento, é de ter a responsabilidade de apresentar na escola o livro para a criança, de contar histórias de forma que faça com que ela desperte para a curiosidade para os misteriosos signos da escrita, provocando-a, encorajando-a a criar hipóteses, escancarando as portas para o mundo da leitura, em que a criança chegará encaminhada por seus desejos e vontades.

“Tornou-se senso comum dizer que é preciso divulgar o gosto pela literatura entre as crianças, pois só assim obteríamos a salvação da infância e do futuro do país” (OLIVEIRA, 2000, p.6).

A Literatura Infantil pelo grandioso motivo de trazer o homem para o mundo literário, deve ser utilizada como ferramenta para a sensibilização da consciência, para o desenvolvimento da capacidade e empenho de averiguar o mundo.

## 2.4 CARACTERÍSTICAS

A Literatura Infantil vem ao encontro de novas perspectivas de Educação. Porém, cabe ao professor a competente tarefa de utilizá-las no seu dia a dia profissional, fazendo com que os alunos possam ter acesso aos livros e também fazendo com que os mesmos venham a ter futuramente uma visão mais crítica frente a tudo que os rodeiam.

Mas, há elementos que garantem o interesse da criança pela obra, e assim será mostrado abaixo (CUNHA, 1986).

Para motivar o pequeno leitor, a literatura deve focar em determinadas características essenciais, como:

- É basicamente a mesma obra de arte para o adulto, diferencia apenas na complexidade de concepção, ou seja, é mais simples em seus recursos. Entretanto, não menos importante.

- A linguagem é mais simples, como revela Monteiro Lobato:

Não imaginas a minha luta para ‘extirpar’ dos meus livros infantis. A cada revisão nova para novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as ‘literaturas’ que ainda as estragam. O último submetido a tratamento foram as ‘Fábulas’. Como o achei pedante e requintado! Dele raspei um quilo de ‘literatura’, mas ainda ficou alguma (CUNHA, 1986, p.57).

O autor de literatura infantil deve tomar cuidado para que a criança não sinta uma linguagem artificial, pois o mesmo esquece (CUNHA, 1986, p.58) “de que ela pode não usar determinadas construções, mas é perfeitamente capaz de compreendê-las”.

Além da linguagem, não ser artificial, a trama da estória deve ser algo que chama a atenção da criança no sentido da mesma não ser tão acabada, e sim misteriosa, cheia de lacunas, para que a criança crie um comportamento, pois ela é capaz de chegar a conclusões, de ter posições, de perceber os arranjos, como revela Lima (*apud* CUNHA, 1986, p. 59): “Se ela percebe desde logo que a literatura é apenas uma forma de educação e, portanto, mais um empecilho à sua liberdade, não há como lhe impedir a repugnância espontânea a essa nova limitação.”

- As obras devem possuir um ar otimista, alegre, espontâneo, de gosto pela vida, o humor (CUNHA, 1986).

- O código verbal escrito: Para as muito pequenas, que não sabem ler, o desenho das palavras não lhes atrai, pois não significa nada para elas, além disso, o texto deve ser pequeno para levá-las à observação das figuras. “Os livros devem ser maiores que o normal e com formato da personagem principal, como por exemplo, um animalzinho ou uma criança, recortados” (CUNHA, 1986, p. 84). Para as crianças que estão começando a ler: também predomina a ilustração, e o texto em letras grandes e redondas. “À medida que a criança evolui na leitura: as ilustrações reduzem em favor do texto, as letras diminuem até o formato e o tamanho normais” (CUNHA, 1984, p. 84).

É importante dizer que “não basta ter ilustração para agradar a criança: importa não só ser bem feita, como também ser sugestiva, dar aos meninos oportunidades de recriar, imaginar, ir além do próprio desenho” (CUNHA, 1984, p. 84).

- O aspecto de durabilidade: “O tipo de papel, o tipo da capa, a forma de acabamento determinam um produto final mais ou menos belo, mais ou menos durável, mais ou menos caro” (CUNHA, 1986, p. 61). Esses fatores são extremamente importantes, pois a criança irá manusear o livrinho, e lógico que o mesmo deve ter durabilidade.

- A editoração de livros para crianças deveria possuir cuidado com o texto e com a ilustração, infelizmente quase sempre há um grande interesse quanto à parte material e um descuido com relação ao texto.

- Quanto à narrativa, esta deve possuir dramatismo e movimentação. De acordo com Cunha (1986, p. 76),

[...] irrequieta por natureza, incapaz de uma atenção demorada, a criança irá interessar-se naturalmente pelos livros onde todo momento apareçam fatos novos e interessantes, cheios de peripécias e situações imprevistas, movimentando-se assim o espírito infantil.

Como por exemplo:

- as poções, adivinhas, instrumentos e palavras mágicas;
- histórias apresentando um caráter iniciativo, nas quais o herói parte, enfrenta desafios, é engolido por um peixe, perde a memória, vê-se transformado num monstro e retorna modificado;
- imagens recorrentes como voos mágicos, monstros, oximoros etc. (CUNHA, 1986, p. 76).

A criança por si só já é pura imaginação, fantasia, portanto, as histórias voltadas a ela devem ser puramente mágicas, incríveis, fantasiosas, extremamente encantadas, dotadas de personagens engraçados, misteriosos, como fadas, bruxas, anões, duendes, enfim um mundo irreal. Como dizia Monteiro Lobato (apud SILVA, 1998, p.12),

[...] a criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto. Nos livros ela quer que lhe demos cartolas, coisas mais altas do que podem entender. Isso a lisonjeia tremendamente. Mas se o tempo inteiro a tratamos puerilmente, ela nos manda às favas.

Em se tratando das falas e dos pensamentos dos personagens, a melhor mostra é por meio do discurso direto, o diálogo revela mais realismo à cena, é como se o pequeno leitor estivesse “dentro da história”.

E, finalmente, o desfecho tem que ser feliz, pois a história foi feita para a criança. Esse é um requisito essencial, sobretudo para as crianças, porque elas se imaginam dentro da história, identificam-se com a personagem do bem, e o final desagradável as tornariam decepcionadas.

## 2.5 FAIXA ETÁRIA

A criança se encanta por um livro, primeiramente pelo material do mesmo, no sentido de textura do papel, o volume, o tipo de papel, o colorido das figuras, até pelo cheiro, a maciez, o número de páginas, enfim pelo livro como um todo. Esse esboço de leitura pode ocorrer já nos primeiros dias de vida do bebê, quando ele é aproximado do livro objeto, isto é, dos livros de pano, de plástico e de outros materiais resistentes, como os de papelão, de borracha. Nesse momento, o livro com essas características ocupa um papel próximo ao do brinquedo: a criança tem a oportunidade de manter uma relação palpável com um objeto que se identifica com a estrutura física do livro.

Segundo Coelho (1994, p. 14),

[...] dentre os vários indicadores que orientam na seleção da história destaca-se o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária. Há publicações específicas sobre o assunto e as editoras costumam fornecer catálogos com tal indicação.

Assim, percebe-se que em cada idade a criança gosta e precisa de determinada literatura, dependendo do seu desenvolvimento. Em cada fase a criança sente a literatura de uma maneira.

Entretanto, Cunha (1986, p.78) revela que “é evidente que os limites colocados em cada fase são teóricos e que na realidade a criança tem seus verdadeiros limites determinados por muitos e diferentes fatores”.

Todas as crianças devem passar pelas fases evolutivas da inteligência, ou estruturais mentais, ao seu tempo e maneira, que seria o normal para cada uma. Entretanto, a idade correspondente a cada criança pode mudar, pois depende do



que a criança vivencia no seu dia a dia, como é o meio em que ela vive e com quem vive.

Coelho (1994, ps.14/15) revela que geralmente,

[...] uma boa história agrada a todos. Ocorre entretanto que, no caso de uma narrativa para crianças pequenas, é necessário respeitar-lhes as peculiaridades, sobretudo seu estágio emocional. A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactente leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo da saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial.

Assim tem-se:

a) Fase Pré-Mágica – até 3(três) anos.

Essa fase é dividida em dois períodos.

Da idade de 1 a 2 anos de idade, a criança se prende no modo e no tom de voz do contador de histórias, e não no que é contado. Assim, fantoches, objetos coloridos chamam atenção da mesma. O enredo das histórias não pode ser longo, mas sim bem curto e rápido. O correto até que essas histórias sejam inventadas no momento do conto. Nesta faixa etária, geralmente, são os pais que iniciam o conto das histórias infantis, portanto é o início da motivação para a leitura. E por esta grande responsabilidade, os pais devem escolher histórias condizentes com a faixa etária, com o que realmente a criança aprecia, como por exemplo, “histórias que possuem personagens estereotipados, como D. Baratinha e os Três Porquinhos” (CASASANTA, 1974, p. 32).

Como Coelho (1994, p. 16), explica,

[...] as histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue ‘viver’ os enredos e sentir-se no ‘lugar’ em que os episódios narrados ocorrem.

Como nesta fase a criança tem atração em pegar tudo o que está a sua volta, ela também gosta de manusear e apertar o livro de história, principalmente se ele for colorido, macio. Assim, o material desses livros pode ser de madeira, de pano, de plástico. Já no seu interior, não se deve economizar nas gravuras bem grandes e coloridas.

Da idade de 2 anos a 3 anos de idade, as histórias devem permanecer bem rápidas, com pouquíssimas palavras e personagens e o enredo já deve se aproximar da realidade da criança.

“Predomina nelas a fantasia, o animismo: tanto quanto as pessoas, os objetos têm para a criança alma, reações” (CUNHA, 1986, p.78).

Os fantoches e objetos coloridos continuam fazendo a alegria da criançada, mas agora a música também traz alegria, motivação para escutar as histórias. O ideal é que a mãe ou mesmo o professor ao contar certa história coloque como fundo uma música interagindo com o enredo.

b) Fase Mágica – dos 3(três) a 6(seis) anos.

Apesar de a criança viver no mundo de fantasia, nesse momento, ela gosta de ouvir histórias mais próximas de seu dia a dia, mais próximas da sua realidade.

De acordo com Coelho (1994, p. 16),

[...] deve ter um predomínio absoluto da imagem, como gravuras, ilustrações, desenhos sem texto escrito, ou com textos breves, que podem ser lidos, ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança perceba a inter-relação existente entre o "mundo real", que a cerca, e o "mundo da palavra", que nomeia o real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade que a rodeia.

Para essas crianças, já não basta a fantasia, mas também o humor e o mistério são fundamentais para que elas tenham motivação para escutar uma história.

Bettelheim (1980, p.13) explica que

[...] para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades; e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

As histórias podem ser: “A Galinha Ruiva, Joca, o Coelho Aventureiro, O Elefante Elmer, a Patinha Esquecida” (CASASANTA, 1974, p. 26).

O enredo das histórias deve ser cheio de sons, rimas e repetições, além de curtos e simples. Realiza-se dramatizações de uma maneira interessante de prender a criança a história, podendo as mesmas serem realizadas com brinquedo dramatizado, pantomimas, marionetes, fantoches, máscaras, sendo que quase todos podem ser confeccionados pelas crianças.

Mas, o que mais interessa nesta fase é que a criança gosta de ouvir as histórias da Literatura Infantil diversas vezes. Segundo Coelho (1994, p. 16),

[...] é a fase de "conte outra vez". “Por que a mesma história? Da primeira vez tudo é novidade: nas seguintes, já sabendo o que vai acontecer, a criança pode se identificar mais ainda, apreciando os detalhes. Igual reação pode acontecer com o adulto ao ler um bom livro ou ao assistir a um filme que lhe agrade. Relê. Revê. O prazer se renova.

Assim, nessa fase, a criança tem o prazer de escutar determinada história inúmeras vezes, sem mesmo pedir para parar.

Para efeito de atividades, livros com dobraduras simples e coloridas complementam o momento.

c) Na Idade Escolar – dos 7 (sete) aos 10 (dez) anos em diante.

Esta fase é chamada robinsonismo, porque serve de modelo à época o herói de Daniel Defoe, Robinson Crusoe. “A literatura adequada às crianças dessa idade é o romance de aventura, o relato histórico” (CUNHA, 1986, p. 79). Os relatos mitológicos, os heroicos, os de viagens e façanhas, as histórias regionais, nacionais e universais são muito apreciados.

As crianças do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, que ainda não possuem bom nível de leitura, gostam das histórias da faixa etária anterior, havendo grande interesse nos contos de encantamento como O gato de botas, Joãozinho e o pé de feijão.

Numa fase posterior é que, os contos de fadas com enredo mais elaborado, presença de texto mais longo, sendo que as imagens ainda devem predominar sobre o texto, são o ponto alto.

Segundo Coelho (1994, p.18),

[...] o elemento maravilhoso ainda exerce um grande fascínio sobre a criança. Considera-se como maravilhoso todas as situações que ocorrem fora do nosso entendimento da dicotomia espaço/tempo ou realizada em local vago ou indeterminado na terra. Tais fenômenos não obedecem as leis naturais que regem o planeta.

O Maravilhoso é o elemento primordial nas histórias para crianças, e é exatamente ele que faz com que as crianças consigam resolver no seu interior conflitos infantis em cada fase da vida. “As crianças ficam embevecidas com príncipes, princesas, castelos e palácios. Já sabem que a história acontece no mundo do faz de conta e começam a manifestar senso crítico e se expressar com certa lógica” (COELHO, 1994, p.18).

Apesar da criança já perceber que o mundo do faz de conta é outro bem diferente do dela, os contos de fadas, como A Bela Adormecida, Pinóquio e Branca de Neve ainda exercem fascínio.

É interessante dizer que, de acordo com a Psicanálise, “os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional” (BETTELHEIM, 1980, p.14).

A maioria dos contos de fadas trazem verdadeiras lições, como a personagem boa (Bela Adormecida) e a má (a madrasta), a bela (Branca de Neve) e a feia (a Bruxa), enfim, mostram a conduta humana, o convívio, a realidade. É exatamente por isso, que a Literatura Infantil faz sucesso entre as crianças.

Conforme Bettelheim (1980) é na infância que ocorre a necessidade de encontrar um sentido ou até mesmo o verdadeiro significado da vida, é nesse momento que entram os pais, pois são eles os responsáveis por introduzir o mundo encantado das fadas na vida de seu filho, um momento quando a criança irá criar um mundo inanimado devido a sua necessidade de magia e encantamento. Segundo o autor, ao ser introduzida na sociedade, esta criança deverá aprender a viver em grupo, logo ela irá perceber que aquele problema que tanto a incomoda também poderá incomodar seu amiguinho, fazendo com que ela perceba que não é a única a sofrer com tantas dúvidas e anseios.

Quando as crianças estiverem entre 8 (oito) e 9 (nove) anos, vive-se “a fase das histórias engraçadas, bem-humoradas. A criança, nessa idade, normalmente já domina a leitura e é capaz de fazer interpretações” (GARCEZ, 2004, p.20). Ler para a criança se torna um grande prazer, pois é capaz de fazê-lo com mais rapidez e de penetrar bem no pensamento do autor.

Com a idade de 9 (nove) anos, a criança “deve estar suficientemente motivada para as longas narrativas, para os livros de conteúdo mais extenso”(COELHO, 1994, p.19) . Entre elas, estão *Reinações de Narizinho*, *Os Onze Cisnes Selvagens*.

Segundo Coelho (1994, p.19), o professor deve contar ao aluno “episódios mais interessantes, oferecendo-lhe oportunidade de conhecer o gênero fascinante das viagens e aventuras, que correspondem aos anseios naturais do pré-adolescente, inquieto e sonhador”.

A partir de 10 (dez) anos, inicia-se o pensamento racional, ou seja, a criança começa a dominar as noções abstratas. A criança se sente atraída para leituras mais longas e numerosas, devido ao seu nível de desenvolvimento linguístico e geral.

Desta forma,

[...] os temas mais atraentes a essa fase são as aventuras, as ficções fantásticas e histórias reais. Os interesses vão crescendo dos fatos reais, polêmicos, à realidade social. Mas também há interesse nas grandes aventuras, nas invenções e histórias de futuro, de séculos posteriores e do fim do mundo (GARCEZ, 2004, p. 20).

Alguns títulos: *O Pica-Pau-Amarelo*, *Viagens Maravilhosas de Marco Polo*, *As Aventuras de Pinóquio*.

Aos 12 anos de idade, o interesse pela leitura pode atingir o ápice, e a criança lê durante horas seguidas, preferindo biografias, histórias da vida real, cheias de aventura e emoções. Os meninos preferem as aventuras sensacionais, ao passo que as meninas apreciam os enredos mais românticos. É a fase de coleções como *Harry Potter*, *Percy Jackson*, entre outros.

Garcez (2004, p. 20) comenta que

[...] a literatura infantil apresenta um discurso fértil, carregado de figuras de linguagem e de pensamento, de diferentes recursos estilísticos, de marcação temporais e espaciais. Especula os efeitos da pontuação e da vinculação do texto com a ilustração. É menos racional e mais criativa. Muitas obras resgatam aspectos históricos. Outras discutem ética, cidadania e a necessidade de harmonização do homem com o meio ambiente. Muitas são carregadas de pensamentos filosóficos que permitem reflexão crítica e conscientização, um repensar nos valores de vida. Outras podem servir de alavanca para textos mais complexos, o que permite comparações e análises em suas diferenças e similaridades.

Como se pode verificar pela citação de Garcez (2004) a literatura infantil é extremamente rica, e essa riqueza toda influencia a criança de diversas maneiras a se tornar um crítico, um bom leitor, mas que toda a essência de cada história tem o tempo de ser apresentada à criança, sendo que a mãe ou pai ou mesmo o professor devem observar e ficar atentos às necessidades, preferências e realidade das crianças.

Como já foi comentado,

[...] a rigor não podemos delimitar a idade em que as crianças e os adolescentes perdem o interesse por determinados temas. Os esquemas têm valor relativo. As histórias indicadas para uma classe podem, perfeitamente, ser adaptadas para a classe seguinte (COELHO, 1994, p.19).

O essencial é que crianças tenham contato com todo tipo de obra literária e eles mesmos façam suas escolhas de acordo com que eles realmente se interessam e não por imposição.

Percebeu-se que a cada faixa etária a criança gosta de determinado estilo literário, mas a Literatura Infantil até hoje tem sido a preferência desse público, por mais que o tempo passe. A Literatura Infantil, com toda a sua essência, cativa pela forma que trata o leitor por meio de fantasia, magia, o fantástico, como por exemplo, as fadas.

Baseando-se em Coelho (2009), comenta-se que as fadas são conhecidas como seres fantásticos do folclore europeu, vindas para as Américas por seus descobridores e colonizadores. Seres imaginários ou fantásticos, de grande beleza, que se exhibe sob forma de mulher dotada de virtudes e poderes sobrenaturais, com o intuito de auxiliar em situação sub-humana quando não é encontrada nenhuma solução no mundo real.

Assim como as fadas desenvolvem o lado do Bem, elas também podem desenvolver o lado do Mal. Coelho (2009) destaca essa questão ao dizer que as fadas podem utilizar o lado obscuro de sua personalidade e assim se tornar bruxas, como também podem ser benevolentes e angelicais, por isso as fadas são comparadas à condição humana da mulher onde a feminilidade vive uma constante e eterna dualidade entre o bem e mau.

A infância é uma fase delicada onde afloram os sentimentos de solidão, ansiedade e egocentrismo. As crianças, por viverem no mundo dos adultos, pensando e sentindo de forma diferente, sempre adequam a este universo, e para isso é necessário que elas busquem dentro de si e de seus limites imaginários respostas a várias questões, sendo que ao fazerem isto estarão exteriorizando seus sentimentos e criando um importante instrumento para sua construção (BETTELHEIM,1980).

Portanto, o que realmente importa não é cada livro para cada idade, o que importa são as crianças optarem pelo que lhes traz aventura, mistério, magia e que no futuro sejam leitores por prazer.

## 2 A LEITURA LITERÁRIA

### 2.1 O QUE É LER?

Antes de falar do que é propriamente ler e da leitura na escola, é importante comentar sobre o pré-leitor, pois é a partir do mesmo que tudo começa.

O pré-leitor, de acordo com Coelho (2000), é aquele que ainda não foi alfabetizado, sendo que inicia sua leitura de modo geral, a partir de uma literatura não tradicional, por exemplo, a partir de um conto.

Com base na autora, o pré-leitor pode ser dividido em duas fases:

A Primeira Infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) onde a criança inicia o descobrimento da realidade ao seu redor, fundamentalmente pelo tato e contatos afetivos.

E a Segunda Infância (a partir dos 2/3 anos) na qual inicia a predominação de valores vitais (saúde) e sensoriais (prazer ou carências físicas ou afetivas) e onde há a transição da indiferenciação psíquica para a percepção do próprio ser (COELHO, 2000, p.33).

Para Abramovich (2004) é fundamental para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...]. “Ouvi-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”(ABRAMOVICH, 2004,p.16).

Já a criança da Educação Infantil, que está desenvolvendo sua escrita e sendo motivada ao desenvolvimento da leitura, é caracterizada também como pré-leitor. Segundo Abramovich (2004): “ouvir histórias nesta fase, pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal tudo pode nascer de um texto” (ABRAMOVICH, 2004, p.23).

A literatura, em especial, traz suas contribuições para uma fase tão importante de nossa vida, ou seja, a infância, fase principal para o desenvolvimento da formação do pré-leitor, assunto este que será tratado mais a frente.

É exatamente na fase do pré-leitor que o leitor ou o ledor do futuro se inicia, portanto os pais devem incentivar os filhos pequenos a gostarem de ler por meio de várias atitudes:



1 -Para começar, é necessário que a criança o veja, sempre que possível, com um livro na mão. As crianças sentirão mais interesse por querer ver um livro se este hábito está presente na vida dos pais. Elas gostam de copiar. Que é sua forma de aprender. Se eles notam que os pais gostam de ler e que tratam os livros com cuidado e respeito, elas provavelmente, farão o mesmo.

2 – É necessário estar convencido de que a leitura deve ser empregada como uma forma mais de diversão e não como uma obrigação. Os livros não devem ser introduzidos no cotidiano da criança só quando ela está aprendendo a ler ou somente quando entra na escola. O contato com os livros deve começar bem antes, antes mesmo de começar a gatinhar.

3 – Quanto o bebê consegue se sentar firme no chão ou no berço, os pais devem dar a ele um livro de pano (FIGURA 1), por exemplo, para que ele maneje. O segredo nesta idade, é fazer com que o bebê veja o livro como mais um brinquedo, com o qual poderá aprender, crescer, descobrir, criar fantasias, e ouvir muitas histórias interessantes e encantadoras.

4 – Quando ficam um pouquinho maiores, o ideal é que a mãe leia em voz alta, seguindo sempre as histórias do livro.

5 – Quando a criança já estiver numa idade em que consiga estar mais quieta nos lugares fechados, os pais devem levá-la para visitar uma biblioteca (CAMPOS, 2014, p. 1).



**Figura 1**–Bebês com livros

**Fonte:** [http://sala-dos-bebes.blogspot.com.br/2012\\_09\\_01\\_archive.html](http://sala-dos-bebes.blogspot.com.br/2012_09_01_archive.html)

Assim, essas crianças que ainda não despertaram para a compreensão da leitura, o ler as ilustrações é o suficiente para entenderem as histórias, contá-las ou

recontá-las aos amigos. As histórias lidas ou contadas constituem sempre uma fonte de sentimentos e emoções que não acabam quando chegam ao fim. A história incorpora na mente desta criança um alimento de sua imaginação criadora, abrindo caminhos para as suas próprias produções (MAIA, 2007).

Após esse pré-leitor realizar sua própria leitura ele estará identificando os símbolos ali impressos formando assim seus sons e sentidos, por isso pode-se considerar a leitura como um processo ativo de seu leitor onde o mesmo busca a compreensão do que se foi lido.

Resende (1993, p. 164) também destaca sobre a definição de ler:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Solé (1999) revela que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, onde o mesmo teria como objetivo a obtenção de informação, mas para que isso ocorra é necessário que o leitor seja capaz de processar o que foi lido, pois muitas são as finalidades ao se fazer uma leitura, desde um simples momento de lazer, até mesmo a busca por informações concretas.

A autora afirma que é por meio da leitura que o leitor poderá adquirir conhecimento e informação. Ela também declara a leitura como não tendo necessariamente apenas uma interpretação fixa e acabada, tornando-se assim variável, com isso é possível que dois leitores distintos façam diferentes interpretações da mesma leitura. De acordo com a autora, essa liberdade de interpretação não restringe o texto em si de ter seu próprio sentido, mas faz com que o mesmo se torne mais flexível (SOLÉ, 1999).

Com isso, observa-se que a leitura é um ato que possibilita e aceita o conhecimento prévio de seu leitor, sendo assim, será utilizado deste instrumento para a transmissão de conhecimento e a criação de um leitor ativo e crítico em sua sociedade, pois já se sabe de sua transformação.

Martins (1994) também revela que

[...] O ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas, incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva,

proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas (MARTINS, 1994, p. 29).

A leitura vai além da decodificação do texto, pois ao se fazer isto seu leitor deverá assumir o papel de ser ativo e atuante e deixar de ser um mero decodificador passivo. Por fim, leitura é o ato de interação do leitor com o objeto lido, podendo ele ser apenas um gesto, um som, uma imagem ou propriamente um texto escrito (MARTINS, 1994).

Ler é um trabalho de detetive, é como achar “pistas” no que é apresentado pela escola. Ler é construir significados e quanto mais lemos maior é a rede de sentidos que podemos tecer. Ler é dialogar com o autor, com seu contexto histórico, social e cultural, é preencher os vazios de modo ímpar, utilizando seus conhecimentos prévios (PALO e OLIVEIRA, 2001).

A leitura é um ato cultural em seu sentido amplo, que não se esgota na educação formal tal como esta tem sido definida. Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (MAIA, 2007).

Toda política de leitura começa com a formação dos formadores para que eles mesmos sejam excelentes “praticantes” (BALDI, 2009).

Se a escola quer formar leitores além de seus muros, precisa organizar-se em torno de um projeto claro com o qual toda a equipe escolar esteja comprometida. É fundamental ter uma constante ampliação do acervo, desburocratizar o acesso ao livro e constituir-se em uma comunidade leitora.

As atividades em torno da leitura devem ocorrer para que o leitor em formação desenvolva suas habilidades de leitura e compartilhe com um leitor mais experiente os sentidos dos textos que lê. Ler junto, ler compartilhando a experiência.

O papel do educador, nesse momento, é de assumir o compromisso com o livro, tendo o hábito de contar histórias aos alunos (FIGURA 2), despertando sua curiosidade, desafiando-os, encorajando-os, solicitando-os, provocando-os, para que criem e alarguem seus horizontes da cultura e do conhecimento e, conseqüentemente, adquiram uma visão melhor do mundo e da realidade que os cerca.



**Figura 2**– Professora contando histórias e dramatizando  
**Fonte:** <http://blogs.odiarario.com/odiarionaescola/2013/11/>

Outro ponto importante é a diversidade de estratégias de leitura. Esta, ao ser elaborada de acordo com o meio no qual a criança vive, e a partir do momento histórico em que o texto é produzido, considera-se um processo de acepção dos textos e, conseqüentemente, o processo de sua compreensão.

Os PCNs trazem uma concepção do que é ler ao apontarem como não sendo leitor o indivíduo que só é capaz de fazer a decodificação e a conversão das letras em sons, logo, ao se fazer esta ação, automaticamente ele irá decodificar o que foi lido, mas não será capaz de compreender já que, para que isso ocorra, serão necessários outros fatores que vão além do texto. “Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grandes quantidades de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler” (BRASIL, 2001, p. 55).

Por isso, ao se analisar o estudo da leitura, os PCNs vêm mostrar a evolução ocorrida no método de se ensinar a ler, ressaltando que hoje em dia não é mais

permitido ao docente utilizar-se de métodos que trabalhem somente a decodificação das palavras.

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo da leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrario, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições-tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é preciso aprender a ler, lendo (BRASIL, 2001, p. 56).

A importância de se fazer inferências e o cuidado em respeitar o conhecimento prévio do pequeno leitor são ações que se encontram dentro do PCNs e são elas que irão ampliar os resultados em relação à leitura.

[...] sobre o conhecimento prévio. Durante toda a nossa vida, as pessoas, graças à interação com os demais e particularmente com aqueles que podem desempenhar conosco um papel de educadores, vamos construindo representações da realidade, dos elementos constitutivos da nossa cultura, entendida em sentido amplo: valores, sistemas conceituais, ideologia, sistemas de comunicação, procedimentos etc. Estes esquemas de conhecimento (Coll, 1983), que podem ser mais ou menos elaborados, manter maior ou menor número de relações entre si, apresentar um grau variável de organização interna, representam em um determinado momento da nossa história o nosso conhecimento, sempre relativo e sempre ampliável (SOLÉ, 1998, p. 40).

Um conhecimento não acabado que se transforma dia após dia, com muita interação e informação; será através destes conhecimentos que se poderá interpretar uma notícia, um recado ou um texto maior que circule em nossa sociedade. Conseqüentemente será este contato tão variado com diversos tipos textuais que fará com que a cada dia o educando se desenvolva progressiva e amplamente como leitor e quando for necessário trabalhar com ele o mesmo não terá tantas dificuldades de interpretação.

Lembra-se que a familiarização com este mundo de letras e símbolos deve ter acontecido na infância com a utilização dos contos de fadas, Cavalcanti (2002) mostra que,

[...] os grandes pensadores de todos os tempos se reportaram ao fato de terem sido ouvintes calorosos dos contos de fadas, quando ainda crianças. Artistas de todas as áreas constroem muito de que há em suas obras buscando resíduos da infância. Na infância está a experiência poética do sempre. O escritor e ilustrador Ziraldo, criador do Menino Maluquinho, nos alerta para o fato de que a escola tem que apresentar à criança o infinito que ela tem dentro de si e a leitura pode ser o passaporte para a descoberta dos tantos mundos que habitam em nós mesmos (CAVALCANTI, 2002, p. 12).

Por isso, para formar bons leitores, sensíveis e bem informados, com capacidade de analisar a realidade que estão inseridos, os PCNs ressaltam a importância do leitor em descobrir que a “leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência” (BRASIL, 2001, p. 58).

Ao se pensar em autonomia e independência, observa-se que o documento oficial também valoriza a importância de se formar leitores capacitados de escolherem por si só seus próprios textos conforme sua necessidade de momento. É que, ao se praticar esta ação, ele estará automaticamente se tornando a cada dia um ser mais confiante, competente e capacitado para identificar elementos subentendidos no texto, podendo assim fazer relações entre eles. Ao se chegar neste estágio, o leitor já terá adquirido a interpretação necessária para fazê-lo perceber que o texto poderá ter mais de uma interpretação dependendo do contexto que o mesmo está inserido.

## **2.2 IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA INFÂNCIA**

A leitura exerce papel fundamental não só nos primeiros anos escolares como também em toda a vida do indivíduo.

Para tanto, é preciso que se incentive o gosto de ler, em todas as classes sociais, desde a mais tenra idade, sobretudo na escola pública, que atinge o maior percentual da população.

Seja pela força imperativa da tradição, seja pela valorização conferida à leitura como instrumento de integração e participação nos quadros culturais da sociedade em que vive, seja, ainda, pelo triunfo e expansão dos ideais democráticos, ou por tudo isso reunido, o fato é que a leitura, tanto nas escolas de ontem como nas de hoje, tanto nas escolas tradicionais de “ler, escrever e contar”,

quanto nas escolas progressivas, cuja finalidade essencial é formação da criança, vem sendo sempre considerado como problema fundamental. E isso porque tem um âmbito funcional que transcende o ensino fundamental, que ultrapassa o ensino médio, que vai além mesmo da universidade, estendendo-se pela vida a fora, por ser técnica fundamental da cultura (MAIA, 2007).

A extraordinária expansão dos meios audiovisuais, rádio, televisão, cinema-ainda não restringiu a importância da leitura, isto porque, apesar de todo aperfeiçoamento alcançado, eles são apenas, instrumentos subsidiários da cultura, servem para facilitar a compreensão pela base física que oferecem aos símbolos, mas não podem substituir a leitura. O ato de ler envolve uma elaboração pessoal, um processo mental profundo e duradouro. Tão valorizada é, hoje, a leitura, que os indivíduos que não puderam aprender na infância sofrem, quando adolescentes e adultos, sérias limitações no seu crescimento intelectual, econômico e político, e porque não se integram na vida social da comunidade são considerados “marginais” (REGO, 2005).

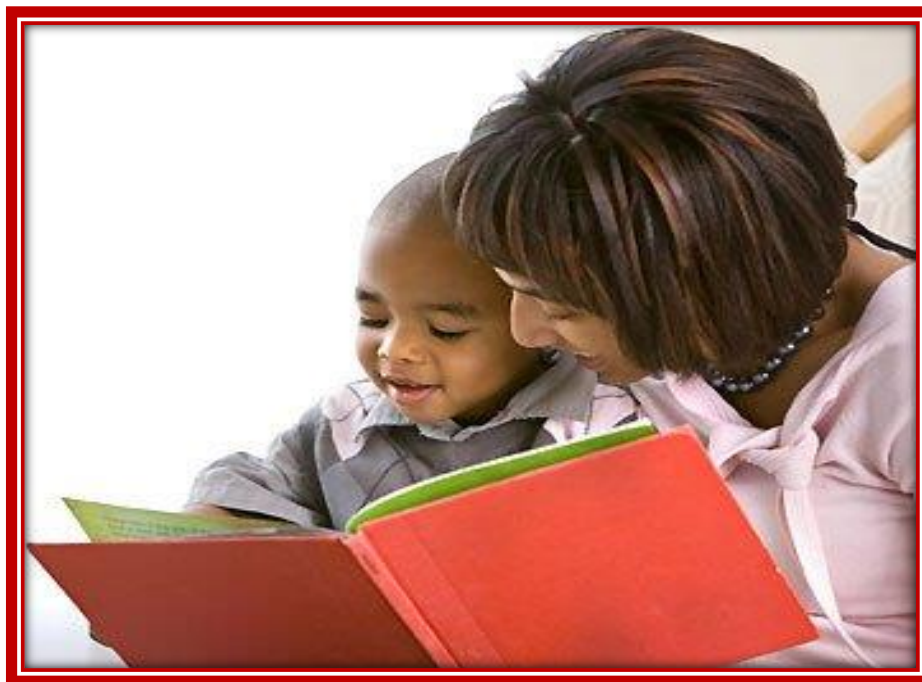
Assim, é na infância, período repleto de informações e estímulos que a criança desde pequena se desenvolve e com isso faz sua “leitura de mundo”, leitura esta inicialmente realizada pelos seus cinco sentidos: audição, visão, tato, olfato e paladar. A partir desta capacidade de distinção, a criança poderá classificar o que mais a agrada, ou seja, antes mesmo de aprender a decodificar os símbolos o ser humano é capaz de fazer sua própria leitura por meio de sua exploração sensorial em torno do seu ambiente.

Priolli (2008, p. 1) destaca que

[...] especialistas acreditam que, para alguém se interessar por livros na vida adulta, é fundamental que a palavra escrita esteja ao seu alcance desde cedo. Ou seja: estimular a leitura dentro do berçário, com bebês que ainda nem aprenderam a falar, pode ser o caminho mais curto para a formação de um futuro leitor.

Ouvindo os sons das palavras geradas pelos seus pais (FIGURA 3) e familiares, a criança irá aprender a falar, e com este ato ela estará fazendo novamente uma leitura que receberá o nome de leitura auditiva; ao observar algo este ser estará fazendo uma leitura com os olhos; havendo também a leitura que se utiliza do tato como instrumento, onde o seu leitor poderá identificar toda e qualquer estrutura apresentada a ele. Assim, no decorrer da infância irão ser encontrados

vários tipos de leitura, sem que a criança aprenda de fato o ato de ler. Logo é afirmado que a primeira ação executada pelo indivíduo ao nascer seria a leitura (SILVA, 2000).



**Figura 3** – Mãe lendo para o filho

**Fonte:** <http://br.guiainfantil.com/estimulacao-infantil/444-como-criar-o-habito-de-ler-livros-nas-criancas.html>

Nessa fase da infância, a leitura deve ser extremamente motivadora, incrementada e prazerosa com histórias gostosas, que relatam sobre o fantástico em maravilhosos contos de fadas, como visto no primeiro capítulo do presente trabalho. As crianças amariam se em suas escolas houvesse coleções de Monteiro Lobato, em que a Narizinho e a Emília estivessem sempre por perto; os contos de Grimm com tudo muito colorido; em meio a salas de leitura aconchegantes, coloridas, com almofadões. Tudo isso seria muito bem vindo para a infância da criança, principalmente porque segundo Coelho (2000, p. 15),

[...] a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.



Pode-se dizer que a criança, através da literatura desenvolve as demais capacidades psicossociais necessárias à sua vida adulta. O modo pelo qual a literatura é trabalhada na Educação Infantil é de fundamental importância pois, por meio desta, iniciar-se-á o sentimento de prazer e a conscientização do ato da leitura.

Assim, de acordo com Casasanta (2004, p. 16),

[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias.....Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo....

Entretanto, esse processo citado por Casasanta (2004) realmente tem sido incorporado por muitas escolas, mas de um modo diferente: a leitura de deliciosos livros de Literatura Infantil vem acompanhada da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, e não de prazer, de descoberta, de encantamento. E como revela Zilberman (2006, p. 56), “isto frustra o aluno que quer ser leitor”.

Começa que há uma obrigatoriedade de prazo, uma espécie de maratona, onde um livro tem que ser lido num determinado período, com data marcada para término da leitura e entrega de uma análise, e não conforme a necessidade, a vontade, o ritmo, o “querer” descobrir o fantástico, a querência de cada criança-leitora.

Outro fator que leva desagrado à criança é que o livro, na maioria das vezes que ela vai ler, é o de pronta entrega, ou seja, é o escolhido pelo professor.

Casasanta (2004, p. 147) comenta que

[...] simplesmente colocar a leitura do livro infantil brasileiro no currículo escolar não quer dizer nada....pode-se até estar formando pessoas com ojeriza permanente pela leitura, tal a quantidade de livros ruins que lhes pedem que leiam, aliada a nenhuma crítica que é solicitada[...].

O verdadeiro objetivo para se efetivar o trabalho com a Literatura Infantil na Educação Infantil é formar leitores inquietos, críticos, capazes de receber tudo o que uma boa história traz, ou que saibam por que não usufruíram daquele conto e que quando chegarem ao Ensino Fundamental consigam ser leitores e não “ledores”, pois adquiriram o verdadeiro gosto pela leitura de uma forma criativa, saudável.

Em outras palavras, há o "ledor", que se trata da criança que lê para cumprir uma tarefa e "leitor" aquele que vai além, que lê por prazer e por curiosidade e vontade de buscar mais conhecimentos e conseqüentemente entender melhor o mundo que o cerca (HUPPES, 2006). Neste sentido é interessante mostrar as palavras de Coelho (2000, p. 57): "hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. E aí está a literatura para servir de mediadora para essa tarefa."

As palavras de Coelho (2000) são realmente afirmadoras em se tratando da importância da leitura literária na infância que os PCNs trazem em seu contexto, que o processo de construção da cidadania no ambiente escolar da Educação Infantil pode ser trabalhado pelo professor por meio da literatura infantil mais especificamente pelos contos de fadas.

Um exemplo clássico que se pode citar nesse trabalho de pesquisa é a história do Patinho Feio, escrita pelo dinamarquês Hans Christian Andersen. Essa obra narra a vida de um filhote de cisne que, por engano do destino, teria sido chocado por uma pata. Assim, por não ser da mesma espécie que a suposta mãe e os demais filhotes, ele teria sofrido humilhações dos seus irmãos e amigos. Na obra observa-se a pluralidade cultural:

A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como por imigrantes de diferentes países. Tendo suas regiões características diversas, muitas vezes, por este motivo, poderão ocorrer preconceitos e discriminação entre si (BRASIL, 2001, p.19).

Dentro da história, a abordagem da discriminação ganha um tom lúdico e o aprendizado dos valores necessários à convivência democrática em sociedade e o respeito às diferenças existentes acontece de forma sutil.

Como aponta Palo e Oliveira (2001, p. 11),

[...] o pensamento infantil é aquele que está sintonizado com o pulsar pelas vias do imaginário. E é justamente nisso que os projetos mais arrojados de literatura infantil investem, não escamoteando o literário, nem o facilitando, mas enfrentando sua qualidade artística e oferecendo os melhores produtos possíveis ao repertório infantil, que tem a competência necessária para traduzi-lo pelo desempenho de uma leitura múltipla e diversificada.

Muitas outras histórias poderiam ser aqui citadas para comprovar a enorme riqueza e diversidade de conteúdos e temas da literatura infantil, mas isso já é de conhecimento de todos. O que se pretende confirmar aqui é que há diversidade de histórias da literatura infantil, desde os contos fantásticos até as narrativas mais elaboradas, permitindo a abordagem de vários assuntos e por isso esse gênero literário oferece uma inigualável contribuição no trabalho com os temas transversais na sala de aula, que conseqüentemente tem uma grande importância na infância das crianças.

A missão da literatura é formar a criança em um adulto com capacidade para enfrentar a vida. É na infância que a criança aprende a fazer suas escolhas, e uma literatura rica vai lhe proporcionar uma base sustentável neste sentido. Primeiro, a criança é ouvinte, e é evidente o contentamento que revela ao escutar uma historinha, procurando interagir. Quando aprende a ler, busca por meio da sua vontade aquela que mais a encanta. A criança, quando bem pequenina, tem os pais como responsáveis por este futuro leitor, e a falta de vontade de contar uma história a ela pode lhe produzir resultados devastadores na vida adulta.

Portanto, quando a criança chega à escola, o texto literário é importantíssimo às práticas cotidianas da sala de aula, tratando-se de uma forma específica de conhecimento. Possui uma variável de propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas nesse tipo de texto. Como explica Baldi (2009, p. 8):

É preciso alimentar a imaginação dos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas.

E, os contos de fadas são fonte inesgotável de desenvolvimento da criatividade e racionalidade, quando trabalhados pedagogicamente, por meio da arte de contar histórias, dialogando com crianças, como no passado, traz ajuda ao desenvolvimento emocional das mesmas. Coelho (2000, p. 54) destaca que “é, pois, neste período de amadurecimento interior que a literatura infantil e, principalmente, os contos de fada podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta.”

Ao ouvirem histórias, as crianças aprendem a nomear as coisas à sua volta, as plantas e os animais, os montes e as ribeiras, o mar, o vento, o rio, a floresta e muitos outros elementos da natureza, do mundo e de sua vivência.

Para Coelho (2000, p. 31),

[...] o livro infantil é entendido como uma “mensagem” (comunicação) entre um autor-adulto (o que possui a experiência do real) e um leitor-criança (o que deve adquirir tal experiência). Nessa situação, o ato de ler (ou de ouvir), pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em um ato de aprendizagem.

A leitura literária na infância auxilia as crianças a compreenderem o lugar do ser humano entre os outros seres da natureza, como também a relação entre os próprios humanos. Através dos contos de fadas, fábulas, as crianças vão vivenciando a aplicação das definições de irmão, filha, mãe, pai, avô, primos, construindo a sua própria compreensão das relações de parentesco, indagando-se de outras comunidades e de outros lugares.

Os contos não instruem somente uma criança de cada vez, mas toda uma geração que, ao compartilhar histórias comuns, acaba por contrair certa visão do mundo, uma compreensão, uma cultura e mesmo uma ideologia.

Diante destas possibilidades, Coelho (2000, p. 19) retrata:

[...] a literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (...). É no sentido dessa transformação necessária e essencial (cujo processo começou no início do século XX e agora chega sem dúvida, às etapas finais decisivas) que vemos na literatura infantil o agente ideal para a formação da nova mentalidade que se faz urgente.

Além de toda a importância da leitura na infância até aqui comentada, esta possui credenciais básicas para ser o caminho que poderá conduzir a criança, de forma muito eficaz, ao mundo da escrita. Em primeiro lugar, porque se prende, geralmente, a conteúdos que são do interesse das crianças. Em segundo, é que através desses conteúdos ela poderá despertar a atenção da criança para as características da língua escrita e para as relações existentes entre a forma linguística e a representação gráfica (MAIA, 2007).

E para que tudo isso flua, há necessidade de que as escolas de Educação Infantil refaçam a proposta de ensino diante da leitura literária, pois além de excluir de vez o sistema tradicional, de leituras impostas, haverá a descoberta de que realmente o aluno quer. Essa descoberta é essencial, porque cada leitor é único em suas experiências e vivências.

Assim, é a junção família e escola que fará com que a leitura literária seja importante na infância de qualquer criança, e logicamente produzir um leitor e não um ledor.

Mas, infelizmente, tanto família quanto escola tem fracassado com este dever. É necessário que a leitura também seja compatível à idade, textos adequados às diversas etapas do desenvolvimento infantil, motivadora para que desperte o fantástico, a curiosidade e o prazer por ler. Simplesmente colocar livros com lindas capas e feitos de materiais diferentes e coloridos como obrigatórios sobre a mesa da sala de aula não é a melhor opção; pelo contrário, a falta de vontade e a obrigação não fluem ações positivas por parte das crianças, não geram prazer em descobrir o mundo da leitura.

## 4 PROPOSTAS DE TRABALHO COM A LITERATURA INFANTIL

### 4.1 PRELIMINARES

A formação de leitores engloba muitos aspectos. É dever da sociedade formar pessoas capazes de enfrentar o mundo com sensibilidade e senso crítico. Cabe aos pais e aos parentes mais próximos o incentivo primeiro. A criança que cresce ouvindo histórias, vendo seus pais sempre lendo, buscando informar-se, crescer culturalmente, certamente terá mais chance de se desenvolver, criando e gostando do hábito da leitura.

O segundo passo é dado na escola, quando a criança começa a ser alfabetizada. Esse processo tornar-se mais eficaz quando o professor trabalha concomitante com a leitura, porém a escola hoje prioriza a escrita e deixa a desejar na leitura, esquecendo-se de que quanto mais se lê, melhor se escreve e de que a capacidade de leitura e interpretação evolui, acompanhando o processo de ensino-aprendizagem (GROSSO, 2003).

A escola, hoje, deveria objetivar o incentivo à leitura, pois esta faz que a imaginação se solte, a criança passa a criar mais, a inventar mais, a soltar-se, mostrando sua espontaneidade, já que a escrita tem muitos competidores temíveis: a televisão, os vídeos-games, entre outros, que ocupam todo o tempo das crianças.

Para a escola tradicional, a leitura é apenas uma decodificação de códigos, tornando-se um ato mecânico, automático, ler por ler. Ela deveria desenvolver um trabalho intelectual, em que os alunos aprendessem os vários tipos de leitura, os mais variados gêneros discursivos, entre eles, os teóricos, assim como os demais procedimentos intelectuais como a disciplina, a determinação, a organização, o investimento necessário ao estudo e à pesquisa.

A escola deveria convencer, com exemplos e atitudes, de que a leitura se faz necessária nos mais diversos meios e em todas as matérias escolares e que com uma boa formação se pode crescer mais facilmente na vida em sociedade. Mas para que esse ideal se realize é necessário que tudo funcione como uma engrenagem de relógio: professor, aluno, escola e família tem de estar na mesma sintonia (JOLIBERT, 1994).

No entanto, o que se observa é um constante jogo de empurra-empurra entre família e escola, cada qual deixando suas responsabilidades para a outra, e quem

fica perdido e prejudicado nesse desencontro é o aluno. No fim dessa disputa, a escola acaba ficando com toda a responsabilidade e sua derrota nessa área significa a aniquilação dos leitores por meio da repetência, evasão, desgosto e ou frustração.

Como explica Maruny (2000), um dos maiores erros cometidos pela escola é dar prioridade ao ensino da gramática, deixando para segundo plano o ensino da leitura. Mesmo quando a leitura é trabalhada, o processo tende a ser fragmentado, ou seja, a compreensão, que é o principal objetivo da leitura, acaba tornando-se a última etapa.

As atividades de compreensão de leitura estão estigmatizadas, não se tem a preocupação, nem se busca com objetividade a real compreensão da leitura. Esta promove no aluno crescimento intelectual e pessoal.

Outro fator determinante na formação do leitor é o professor. Ele deve provar aos alunos por meio de atitudes e exemplos que gosta de ler e, principalmente, que lê, pois muitas vezes cobra do aluno um hábito que ele mesmo não possui.

Segundo Silva (1995, p.12),

[...] Algumas reflexões recentes apontam o fato de que o professor lê muito menos que os alunos. Passo incerto... O repertório de leitura ou parou no tempo no tempo por falta de condições de atualização, ou nunca se formou ao longo de sua própria escolaridade.

Não é possível ao professor contagiar o aluno sobre os benefícios da leitura se ele próprio não lê.

Orlandi (2005) afirma que a maior parte dos professores não leem literatura, leem apenas o que se fala sobre literatura. Isso ocorre porque é muito mais cômodo ler um resumo, uma resenha, de no máximo dez páginas, do que ler um livro que provavelmente terá acima de cem páginas.

Veja o que ocorreu ao longo do tempo com o sistema educacional e com formação de professores.

Antes da década de 1950, a escola era elitizada, só pessoas de classes mais abastadas prosseguiram seus estudos. O português utilizado por eles era tido como padrão, portanto as regras gramaticais eram facilmente assimiladas. O professor também vinha dessa classe e sua vivência era suporte para a preparação das suas aulas.

A partir da década de 1950, a escola foi aberta à toda população, trazendo para seu interior outras variedades de português. Com o aumento considerável da população escolar, conseqüentemente o número de professores também se elevou para atender essa demanda, mas já não mais pertenciam às classes de prestígio, sua formação já não era tão qualificada quanto a dos professores de antes.

As propostas de ensino não acompanharam essas mudanças. Com a defasagem da formação do professor e com o ensino centrado na gramática, houve a necessidade da criação de um apoio pedagógico que desse suporte ao professor, surgindo, assim, o livro didático, trazendo tudo pronto, limitando a responsabilidade e a autonomia do professor. Ele passou a confiar tanto no livro didático que sentia dificuldade em deixá-lo e não se preocupava em se atualizar.

Para que o professor cativasse seus alunos, é necessária uma preparação, ou seja, uma leitura prévia da obra que irá ser apresentada. É fundamental ler com prazer, respeitar a pontuação, fazendo entonação de voz adequada, fazendo a criança realmente viajar e passar a gostar de ler.

Como afirma Abramovich (2004, p.163),

[...] há tantos jeitos de a criança ler, de conviver com a leitura de modo próximo, sem achar que é algo do outro mundo, remoto, enfadonho, ou chato...(...) Mais culpados são os adultos que não lhe proporcionam esse contato, que não lhe abrem essas – e outras tantas – trilhas para toda a maravilha que é a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras.

Essa seria uma das missões mais importantes de um professor, a de quebrar o preconceito de que todos os alunos não gostam de ler, de estudar, de aprender. Ele deve mostrar que aprender e não ler não precisa ser chato.

Parafraseando Maruny (2000), para transmitir o gosto pela leitura, a motivação necessária para que esta aconteça com eficácia, o educador deve estar pedagogicamente preparado, ou seja, deve, antes de entrar numa sala de aula, estar ciente de suas obrigações enquanto mediador do saber. Deve preparar suas aulas com carinho, deixando sempre expostos seus objetivos, demonstrando aos alunos que aquilo que está sendo trabalhado auxiliará na construção do seu intelecto e que, futuramente, ajudará na sua vida profissional.

Consoante Maruny (2000), o professor deve ter consciência de que o entusiasmo e a motivação são contagiantes, sendo assim, se se mostrar



entusiasmado e motivado com o desenvolvimento de suas aulas e se evidenciar que o conteúdo apresentado é importante, certamente os alunos também se entusiasmarão. Da mesma maneira, o desinteresse e o descaso são contagiantes. A inércia do professor provoca a inércia no aluno.

Veja a afirmação de Orlandi (2005) *apud* Sanglard (2007, p. 31):

Espera-se do professor, que, afinal, é o organizador do seu próprio trabalho em sala de aula, a perspicácia para perceber que estratégias deve adotar para cada uma de suas turmas de alunos. O mais importante mesmo é que o professor saiba ler e escrever bem, para poder conduzir os alunos para a prática de boas leituras e boas produções de textos.

O professor deve estimular, por meio de atividades, a criatividade, o raciocínio e autonomia do aluno. Ele precisa ultrapassar barreiras e não construir mais, deve ser flexível quanto ao conteúdo e deixar que o aluno explore todas as possibilidades. É fundamental que se desenvolva o senso crítico do aluno para que, ao ler um livro, ou mesmo ao assistir à televisão, possa ter discernimento para distinguir o que é real e bom do que é ruim e banal.

Os métodos utilizados para avaliar a compreensão do aluno também precisam de uma revisão, pois o mais utilizado é a famosa ficha de leitura, na qual devem responder questões prontas a respeito do livro, não se preocupando se concorda ou não com o que está escrito. A avaliação deveria ser para ajudar na construção do conhecimento do aluno, no incentivo ao hábito da leitura.

Como relata Abramovich (2004), talvez o problema de muitos professores seja a massificação pela leitura tecnicista e por uma literatura pedagógica cada vez mais chata, mais carrancuda e mais triste. Muitos não leem, não participam de cursos de atualização, de palestras e, quando participam, não são capazes de formular uma pergunta com real sentido para o palestrante, acabam caindo sempre nos mesmos clichês.

Na maioria das vezes o que encontramos são professores desmotivados, que não leem, não vão ao teatro nem a exposições, não cultivam a própria curiosidade, ficando difícil ou quase impossível contagiar seus alunos. Fica difícil acreditar em queixas de professores que afirmam que é o aluno que não lê, quando, na maioria das vezes, eles também não leem, e quando é por obrigação, raras vezes é por vontade própria ou curiosidade.

Machado (*apud* Abramovich; 2004, p. 112) dá um conselho aos professores:

‘Limpa de vez em quando as tuas gavetas, ninho de fantasmas.  
Queima os papéis velhos, os arquivos mortos.

‘Ajuda o esquecimento a esquecer...

‘Antes o virgem vazio do que a sufocação dos entulhos. Que em tua  
cabeça as ideias não se imobilizem nunca em arranjos de museu,  
mas fermentem para novas metamorfoses’.

Entretanto, não basta apenas ao professor ler revistas e livros. Ele precisa ter um forte critério de seleção, escolher o que pode ser bem desenvolvido em sala de aula e descartar o que provavelmente não obterá resultados.

A escola precisa reformular seu sistema de ensino, já que muitas vezes o aluno chega a uma Universidade sem o domínio necessário da leitura e da linguagem. Das faculdades, nas últimas décadas, têm saído gerações analfabetas por não conseguirem se expressar, dialogar, criticar, nem produzir um texto, consequência do pouco ou nada que leem.

O analfabetismo ou semi-analfabetismo dos estudantes do curso superior é resultado de uma base pouco sólida em diferentes áreas, sobretudo do pré-leitor na Educação Infantil, da leitura, construída durante os anos do Ensino Fundamental e Médio, segundo constata Castello-Pereira (2003).

Portanto, o crescimento intelectual dos estudantes dependerá de uma base bem estruturada, que englobe o empenho dos pais, dos professores, da escola e dos alunos. Todos devem estar em sintonia, trabalhando de acordo com as possibilidades e realidades existentes. Se forem respeitadas as diferenças e os diferentes tempos de aprendizagem, juntamente com o incentivo e a motivação, teremos uma possibilidade muito maior de se ter leitores e bons leitores e não o chamado ledor.

Drummond (*apud* Zilberman, 2006, p. 123) escreve:

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética.

## 4.2 PROPOSTAS PARA INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL

Como já foi apresentado, a formação de leitores é uma questão que professores, pedagogos e órgãos ligados à educação tentam responder há anos. Não depende somente da escola e dos professores de língua materna. O incentivo à leitura deve partir dos pais, das pessoas mais próximas à criança.

A criança que cresce cercada por leitores tem probabilidade maior de crescer tendo o hábito da leitura.

A escola, por sua vez, deve desempenhar seu papel com maestria. Criar o cantinho da leitura, deixar livros sempre à disposição, deixar que os próprios leitores escolham o que querem ler e incentivar. O importante é que os alunos aprendam a ler com alegria e prazer, e não apenas por obrigação (ZILBERMAN, 2006).

Como foi dito no capítulo anterior do presente trabalho, os pais podem começar a ler histórias para seus filhos ainda durante a gestação. Depois, após seu nascimento, os pais podem oferecer livros infantis, sem muito ou nenhum texto, sempre com boas ilustrações para que a “leitura” dessas gravuras seja feita com prazer.

A sala de aula deve ter o cantinho da leitura, que deve ser um local aconchegante, decorado e com muitas opções de livros. O professor deve tomar o cuidado de oferecer material compatível com a faixa etária para não assustar e não afugentar os futuros leitores.

Quando for contar histórias, estas devem ser lidas com antecedência, para que o contador de história se transforme em um ator, sabendo direcionar a leitura, utilizando entonação de voz adequada, gestos e caretas necessários para que a criança viaje junto com os personagens.

Veja o que diz Paswels (*apud* Abramovich 2004, p.24):

Quando uma criança escuta, a história que se lhe deu conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde.

O professor deve ser um observador, estando sempre atento às necessidades, preferências e realidade de seus alunos. Deve estar sujeito a

negociações na escolha de temas, textos e situações, estimulando a participação do aluno, associando os objetivos do educador aos interesses dos educandos. Essa proposta, quando bem desenvolvida, promove uma interação entre o professor-aluno e faz que a criança deixe de ser sujeito passivo e passe a ser ativo.

Quando o professor for avaliar, não deve reter-se apenas ao nível superficial do texto, e sim trabalhar os níveis mais profundos, fazendo vir à tona o que realmente o leitor aprendeu da história. Uma boa proposta é pedir a eles que desenhem (na Educação Infantil as crianças ainda não estão na fase alfabética) uma parte emocionante, intrigante que instigue a curiosidade, com a qual irão tentar convencer os colegas de que o livro lido por sua mãe ou pai para ele merece que os demais também saibam da história. Esse desenho deverá ser fixado pelo professor no mural de classe a que os alunos tenham livre acesso.

Uma outra forma de avaliação, como sugere a Revista Nova Escola (maio de 2005, p. 28-31), é dramatizar as histórias lidas. Isso não desenvolve só a leitura, mas também outras habilidades como: interpretação, criatividade, entonação de voz, socialização-interação.

Parafraseando Moreira (1998), apontamos algumas propostas para estimular os alunos a se tornarem leitores:

*Leitura de textos em voz alta:* a leitura feita dessa maneira pelo professor traz muitos benefícios, faz que as crianças precisam ouvir e se concentrar, aguça e curiosidade, além de o professor de modelo de um bom leitor.

*Exposição de livros:* o educador deve selecionar alguns livros para realizar uma feira, pode também solicitar a seus alunos que tragam alguns livros que tenham em casa e expô-los juntamente com os seus. Essa atividade poderá ser realizada em sala de aula ou envolver toda a escola. Uma outra ideia é a confecção de próprios livros pelos próprios alunos. Estes podem ser de papel, pano ou de outros materiais, tudo supervisionado pelo professor. Após a confecção, os livros serão expostos e, logo após, as crianças os levarão para casa. Elas também serão incentivadas a trocarem os livros entre si.

*Mutirão de incentivo à leitura:* os professores podem mobilizar a escola durante um dia para confeccionar cartazes, panfletos, faixas, marcadores de textos entre outros, que incentivem a leitura e que serão entregues à população vizinha e a outras escolas.

*Visita à biblioteca pelo menos uma vez por mês:* quando o professor for levar seus alunos à biblioteca escolar, deve ter alguns cuidados: prepara a visita com antecedência, verificar se as crianças terão livros a altura de sua vista, livros que lhe chamem a atenção, organizá-las para que vejam os livros em duplas ou individualmente e deixá-las explorar bem os livros, pois um livro bem conservado na estante é sinal de pouco manuseio.

*Trabalhar diferentes textos:* o professor deverá preparar com antecedência textos literários, como histórias em quadrinhos, fábulas, contos entre outros. Quanto mais cedo os alunos começarem a conviver com uma variedade de estilos, gêneros e assuntos, mais autonomia de leitura ganharão.

Rocco (1996) propõe algumas estratégias para serem desenvolvidas com os mais diversos tipos de textos na sala de aula:

- O professor deve optar sempre por textos que envolvam e seduzam, deve buscar o novo, algo que prenda a atenção dos alunos. Deve correr de textos pobres em interpretações, ou seja, de textos que não permitam ao aluno abrir o leque das compreensões.

- Ao se trabalhar com crianças, deve-se ter o cuidado de selecionar textos e poemas com caráter narrativos, pois a criança compreenderá melhor o conteúdo.

- Deve ser criativo ao propor e criar exercícios referentes ao texto, para que o aluno realmente aprenda o conteúdo, solte a sua imaginação e criatividade nas várias interpretações que este oferece, sem que eles percam no meio do caminho a literariedade do texto.

- As crianças da Educação Infantil devem aprender a trabalhar com as mais diversas linguagens poéticas que se manifestam de diferentes formas: em formas, lendas, quadrinhos, crônicas, contos, fábulas, programas de TV, entre outros. Assim, elas crescerão aprendendo a extrair informação de tudo e adquirindo, desde cedo, senso crítico.

- O professor deve preparar as crianças desde cedo, respeitando suas habilidades cognitivas, para que elas cheguem à compreensão literal e à compreensão fina dos textos escritos. É preciso que a leitura nestes dois níveis seja muito bem trabalhada, caso contrário, no futuro, a criança nunca terá domínio nem da leitura nem do texto escrito.

- Deve selecionar dias para rodadas de leituras entre todas as crianças.

- Quando se trabalha com lendas, como contos de fadas, fábulas, o professor deve contá-las com expressividade e usar de todos os meios visuais para ilustrá-las, deve explorar bem a narrativa, deve questionar seus alunos sobre certos tópicos esquecidos para dinamizar a aula e fazer que os alunos interajam com o texto. As crianças podem desenhar e comentar sobre as histórias contadas pelo professor.

O professor deve atualizar-se, adequar as suas estratégias de acordo com sua realidade e com seus objetivos e estar aberto a novas metodologias e à sua aplicação.

A leitura deve ser encarada como uma atriz protagonista na construção do saber, e não apenas como atriz coadjuvante, que só aparece para ocupar momentos vagos (ZILBERMAN, 2006).

Sendo assim, professores, pais, alunos, educadores, bibliotecários e todas as pessoas que sonham com uma educação melhor podem, por meio de pequenos gestos, incentivar a leitura, mostrar que livro é vida.

As palavras de Moreira (1998, p. 7) iluminam um caminho a ser seguido por todos que almejam incentivar o hábito da leitura:

É preciso ter muita humildade para promover a leitura: a humildade de aceitar as nossas limitações, entendendo que o jovem é o adiante. É preciso dar respeito aos jovens, procurando aprimorar os nossos horizontes, alargá-los. É preciso abrir as janelas das empoeiradas bibliotecas, fazer com que as bibliotecárias percam o jeito de guardiãs da cultura, rostos fechados para a alegria de viver. Temos que propagar que livro é vida, não somente em palavras, mas em ações e também em nossas fisionomias. Feliz é aquele que lê! Então demonstremos em nossos rostos tal felicidade.

As crianças não-alfabéticas, o professor deve levá-las ao mundo da fantasia, pois, através de narrações de histórias, irá despertar na criança o desejo, a curiosidade de ler.

É interessante que no momento da leitura recreativa, as crianças tenham autonomia para falarem sobre outros rumos para os contos de fadas, fábulas, enfim, para aquela história que está sendo contada, dramatizada pelo professor.

Também é interessante que as crianças possam escolher um lugar diferente para a leitura, sem ser a sala de aula: no pátio, debaixo de uma árvore, fazer um cantinho próprio mesmo dentro da sala de aula ou em casa.

Lajolo (2001) descreve algumas dicas para se trabalhar a Literatura Infantil com as crianças:

- Depois da leitura da história, o professor oferece um bate-papo com as crianças sobre o livro que leram. Promove também desenhos, caça-palavras, jogos e brincadeiras sobre o mesmo.

- O professor conta a história. Os alunos recontam a história e elaboram livros ilustrados por eles e escritos pelo professor (para crianças não alfabéticas). Depois escritos e ilustrados por eles próprios.

- Criar o "Mercadinho do livro", onde ficarão em exposição os livros criados pelos alunos.

- Brincar de banca de revistas e jornais.

- Criar na sala de aula um espaço agradável de leitura onde as crianças tenham acesso a qualquer momento, como o da Figura 4.



**Figura 4** – Exemplo de Cantinho de Leitura

**Fonte:** <http://www.salaeduc.blogspot.com.br/2013/10/como-montar-e-decorar-sala-de-educacao.html>

No "cantinho" deverá conter livros de histórias infantis de diversos estilos, e logicamente adequadas à faixa etária das crianças. É um lugar essencial para que as crianças tenham contato com os livros e os vejam como algo do seu cotidiano,

que está ao seu alcance, com o que pode contar. Essa forma do livro ser apresentado e de estar com a criança facilitará todo o processo de alfabetização e será fundamental para torná-la uma futura leitora.

- Outra atividade interessante é pedir para as crianças, após lerem o livro, criarem novas ilustrações, novos diálogos, nova capa, utilizando material disponível, como: sucatas, papel, tecido, recortes, dobraduras. Depois, os trabalhos ficarão expostos em um caderninho de Leitura (LAJOLO, 2001).

- Criar na sala de aula a "Hora da Leitura Espontânea". As crianças que tiverem terminado alguma atividade individual poderão se utilizar dos livros enquanto os outros terminam a tarefa.

- As crianças em grupos de 2 ou 3 poderão ler o mesmo livro e, depois, cada grupo apresenta aos colegas de forma criativa trechos do livro com dramatizações, ilustrações, entre outras coisas.

- Lajolo (2001) aponta que toda a turma terá um mesmo livro, participando depois de um trabalho criativo orientado pelo professor:

- a- Leitura do livro e debate com a participação de todos.

- b- Dividir a sala em grupos onde os alunos serão motivados a criar através de:

- Confeção de máscaras para a dramatização da história.

- Dramatização da história ou adaptações de algumas cenas utilizando fantoches.

- Desenhos, recortes, dobraduras, murais sobre a história.

- Colagens com sucatas: sementes, papéis, retalhos de tecido e outros materiais coletados pelos alunos, para ilustrar um painel sobre a história.

- Murais coletivos com colagens, desenhos utilizando papéis de revistas e jornais, papel pardo, fantasia e outros, reproduzindo cenas da história ou indo além dela.

- Criação de cenários sugeridos pela história, utilizando sucatas: papelão, caixas de papelão, pedaços de madeira e outros.

- Confeção de cartazes com reproduções de ilustrações da história com poemas e músicas criadas pelas próprias crianças relacionados com o tema do livro.

- Reproduzir, em painéis de papel pardo, jornal ou de computador, trechos mais interessantes dos livros com ilustrações ou não para serem expostos na parede ou no varal da sala de aula.



- Criação de fantoches baseados nos personagens do livro, feitos com sucatas: caixas de papelão, vidro de iogurte, danone, palito de picolé, vidros de plásticos, sacos de papel, meias.

Mesmo em meio a todas essas propostas de incentivo à leitura por meio da literatura infantil, pais e educadores enfrentam grandes desafios para que as crianças realmente se tornem leitores por desejo e não por obrigação.

Assim, pretende-se mostrar na prática a aplicação de algumas histórias infantis frente às crianças não-alfabéticas.

a) *Contos de Fadas: a linguagem teatral na Educação infantil*



**Figura 5** – Branca de Neve e os Sete Anões

**Fonte:** <http://universoliterario.wordpress.com/2009/12/17/branca-de-neve-e-os-sete-anoes-e-os-os-tres-porquinhos-no-teatro-gil-santana/>

O Conto de fadas *Branca de Neve e os Sete Anões* é uma história onde o maravilhoso e a fantasia estão presentes o tempo todo.

Na trama criada entre a Rainha madrasta, a Branca de Neve e os Sete Anões entram em confronto a inveja ou o ciúme que a beleza e a bondade podem despertar; valorizam-se a paciência diante de um destino adverso e a busca de outros caminhos para fugir dele; exalta-se a solidariedade a ser dada a quem

necessita; recompensa-se a virtude e castiga-se o mal; exalta-se o poder regenerador dos maus, etc. São experiências humanas que o imaginário do leitor vivencia de maneira inconsciente, e, com elas, seu mundo interior vai-se enriquecendo (LAJOLO, 2001).

Em suma, se os educadores desejam inculcar um hábito saudável de leitura, duradouro, faz-se necessário ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento do educando e motivá-lo a ir ajustando suas leituras à medida que as necessidades intelectuais, as condições ambientais forem mudando, sem barrá-los nem impondo gostos, mas principalmente oferecendo fruição ao ato de ler.

Em meio a esse trabalho, as crianças poderão aprender a:

- Despertar o gosto por ouvir histórias;
- Ter contato com a literatura infantil;
- Ampliar a capacidade de imaginação;
- Desenvolver a criatividade;
- Ocupar papéis;
- Interessar-se pela linguagem teatral;
- Vencer dificuldades emocionais;
- Utilizar outras linguagens - Linguagem teatral - cenário, personagem e ação dramática - nas situações do cotidiano da sala de aula ampliando as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento (PAIVA, 2010, p. 1)

A professora poderá trabalhar o Conto de fadas *Branca de Neve e os Sete Anões*, intercalando com os Três Porquinhos em 10 horas aulas e com várias estratégias.

Primeiramente é necessário que a professora crie o hábito de ler histórias em sala de aula para as crianças todos os dias e em uma hora específica. Macamut (1990, p. 05) ilustra: "...sem a menor dúvida, em nível de pré-escola, podemos dizer que contar histórias é um riquíssimo recurso didático, oferecendo inúmeras possibilidades de aproveitamento que a professora deverá saber usar..."

Segundo, que a professora tenha em mente que a linguagem teatral pode beneficiar o desenvolvimento das crianças, a partir do momento que estas sejam o centro do trabalho.

De acordo com Vygotsky (2009), as crianças externalizam sua compreensão acerca do meio em que vivem, como sociedade, família, escola, amigos, entre outros, por meio da imitação criativa. Nesses momentos, podem experimentar o lugar de mãe, vizinha, irmão, pai, madrasta, assim como atos morais de heroísmo,

coragem, medo, tristeza, alegria, dor e reorganizar suas compreensões e impressões acerca desses elementos.

De acordo com Paiva (2010, p. 1),

[...] ao vivenciar esses “lugares” e reorganizar suas impressões podem ter afloradas novas compreensões, só que agora um tanto mais elaboradas e assim sucessivamente poderão vivenciar situações, por força do instinto e da imaginação que os ambientes cotidianos da vida não lhes apresentam.

Assim, utilizar da linguagem teatral e da imaginação das crianças dentro da sala de aula e de forma contínua, é algo divertido, prazeroso e essencial no desenvolvimento das crianças da Educação Infantil.

Baseando-se na Teoria de Vygotsky, a capacidade de aprender de uma criança é resultante das diferenças qualitativas presentes no seu ambiente social, ou seja, depende do modo como ela se relaciona com os indivíduos em seus ambientes. Portanto, é absolutamente necessário que o educador conheça o nível de desenvolvimento da criança, a fim de planejar o ensino para que ela tenha avanços nas etapas intelectuais (VYGOTSKY, 2009).

Como já dito, são várias as estratégias e com diversos recursos, que se pode trabalhar com o Conto de fadas *Branca de Neve e os Sete Anões*

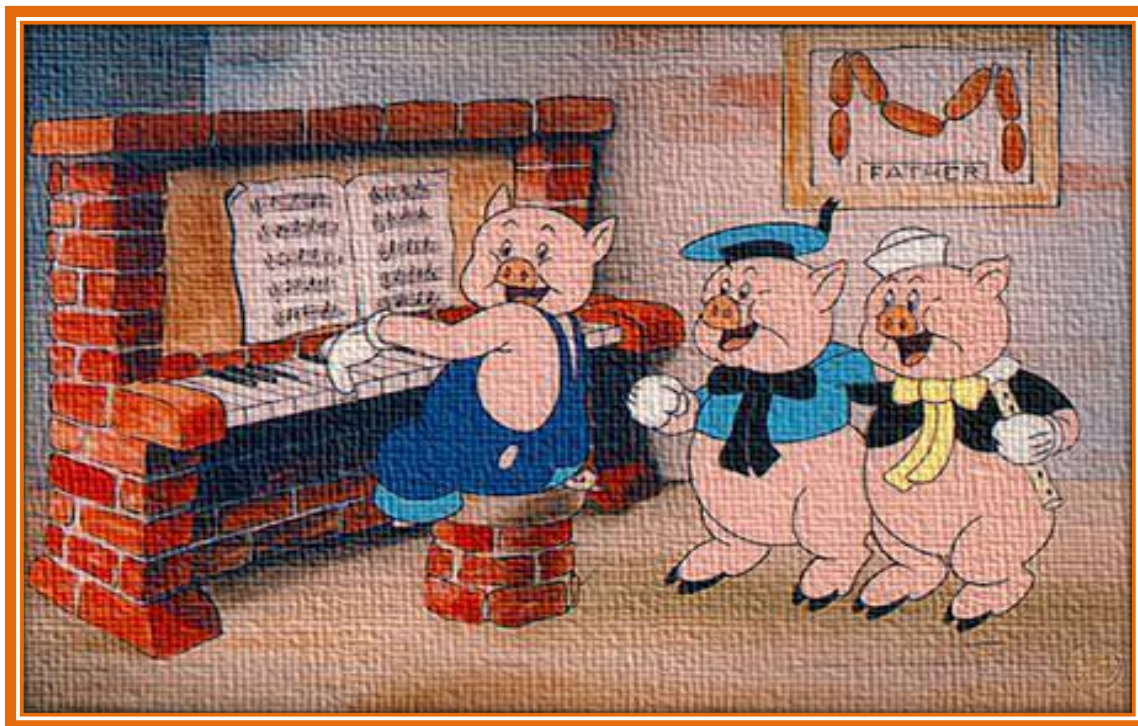
Durante 60 minutos, a professora poderá ler para as crianças o conto em questão, mas também podendo optar por histórias como, por exemplo, a Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho ou outra história.

Assim, os comentários das crianças sobre as partes da história de que mais gostaram apontarão ao professor uma série de opções para aproveitar o entusiasmo dos alunos para com a história e fazer surgir inúmeras outras atividades ricas e lúdicas na classe. Até planejar módulos de aprendizagem, para aprofundar aspectos do conteúdo programático, terão sucesso garantido (PAIVA, 2010).

Neste momento, a professora poderá se utilizar de diferentes recursos para dramatizar o Conto, como fantoches, bonecos de plástico. Além disso, ela poderá trabalhar com projeção em slides, teatro com varetas, colocar a história narrada para as crianças ouvirem, ou outro recurso que preferir (PAIVA, 2010).

Em um segundo momento, também de 60 minutos, que poderá ser realizado em outro dia, a professora poderá ir com as crianças até o Cantinho de Leitura, a fim

de que elas escolham uma história para representarem. Como exemplo, toma-se a história dos Três Porquinhos.



**Figura 6** – Os Três Porquinhos.

**Fonte:** <http://universoliterario.wordpress.com/2009/12/17/branca-de-neve-e-os-sete-anoes-e-os-tres-porquinhos-no-teatro-gil-santana/>

A partir da escolha da história, a professora começa a averiguar e escolher quem irá representar cada personagem. Esse momento é extremamente rico, pois junto com as opções das crianças surgem conflitos que merecem atenção da professora. As escolhas são feitas com base em referências, valores e desejos afetivo-emocionais vivenciados na família, na escola e na sociedade (PAIVA, 2010).

Além disso, a professora trabalha nesse momento com questões ainda voltadas à democracia através da votação da turminha para decidir os personagens, pois sempre terá mais de uma criança escolhendo o mesmo personagem. É interessante dizer que a professora deverá respeitar sempre o grupo, consultando-o em todos os momentos pois, somente assim, a linguagem teatral terá realmente produzido um efeito interessante na constituição das crianças (PAIVA, 2010).

Antes das crianças iniciarem os ensaios da peça, a professora pode realizar algumas atividades que mostrem para elas como a linguagem corporal é fundamental em todos os momentos da representação teatral. Desta forma, a

professora deverá dividir a classe em grupos e pedirá que cada um encene durante quatro minutos utilizando-se somente a linguagem corporal para comunicar onde estão, quem são e o que estão realizando. As crianças devem planejar o tamanho do lugar, os objetos imaginários a serem usados, o que farão com eles e como será a interação entre os participantes. A professora deverá realizar perguntas que levem todos a pensar em gestos que tenham um propósito comunicativo claro. Enquanto um grupo atua, os demais observam (PAIVA, 2010).

A professora deverá ficar atenta às partes do corpo mais utilizadas pelas crianças e desafiá-las a seguir a cena sem mover as mãos, por exemplo. Após a apresentação de cada grupo, a professora deverá realizar uma roda de conversa para que aqueles que encenaram troquem percepções.

A professora, a todo o momento, deverá anotar as observações de forma individual, ou seja, de cada criança.

Outra estratégia interessante é a professora, depois que as crianças entenderam o onde, o quem e o quê, trazer um DVD da história dos Três Porquinhos como se estivessem em um cinema. Depois, a professora deverá perguntar se elas conseguem identificar os três elementos. Nessa hora, a professora deverá explicar, de forma pausada, que o onde pode ser chamado de cenário, assim como o quem é o personagem e o que a ação dramática que se desenvolve (PAIVA, 2010).

Em outra aula, a professora deverá dar início aos ensaios com as crianças e ao mesmo tempo questioná-las o que irão precisar para construir o cenário. A professora deverá dar autonomia às crianças, para que estas busquem alternativas para a construção do cenário com materiais que tenham em sala, e que montem e desmontem a organização do espaço. A professora deverá apenas auxiliar as crianças na montagem das partes do cenário para o dia da apresentação. Assim, as crianças terão autonomia frente à apresentação que farão, pois tudo poderá ser feito por elas, como por exemplo, a casinha de cada Porquinho, as roupas do figurino.

A professora deverá reservar momentos para os ensaios e ao mesmo tempo auxiliar na construção do cenário junto às crianças (PAIVA, 2010).

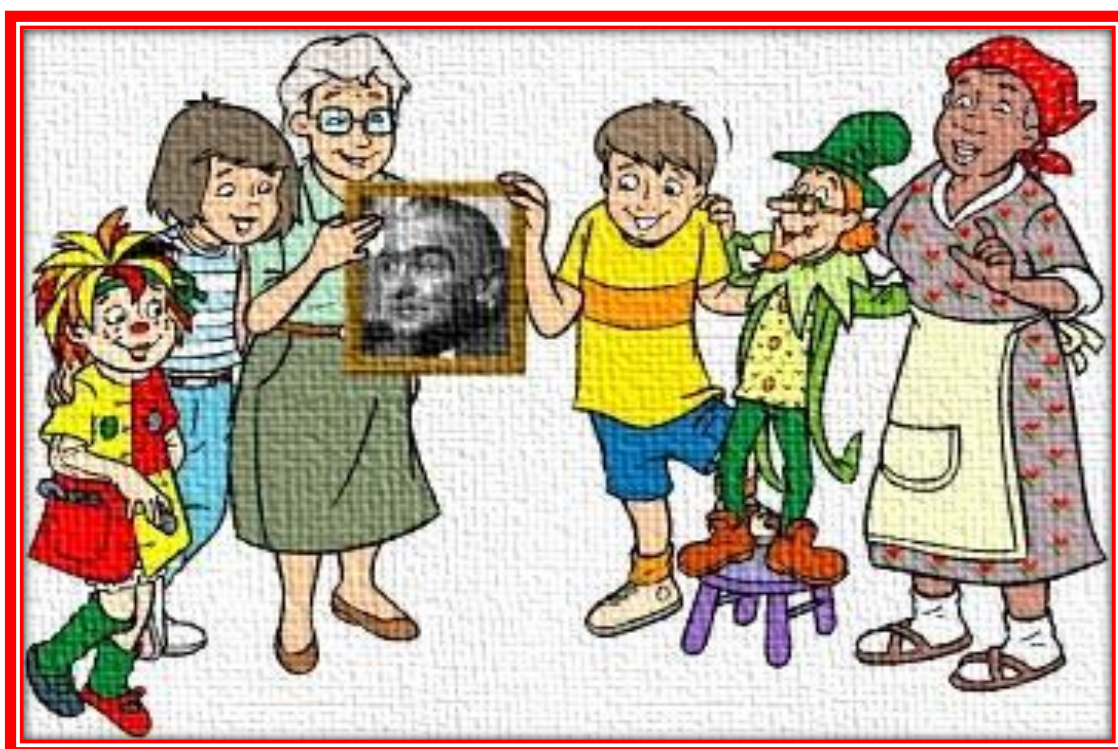
Outra estratégia, é que a professora deverá realizar atividades de registro que explorem a leitura e a escrita com os nomes dos personagens, nome da história. Além disso, pedir às crianças que desenhem as ilustrações referentes aos convites para os colegas de outras turmas, outros professores e profissionais da escola e para os pais (PAIVA, 2010).

A professora deverá observar e anotar o envolvimento de cada criança desde o momento que ela contou a história, durante o desenvolvimento de cada estratégia trabalhada por ela e o dia da apresentação. Assim, a professora poderá intervir quando necessário e planejar a próxima atividade voltada ao incentivo da criança a ser um leitor.

É dessa observação que o professor constrói sua mediação, sua própria participação no aprender da criança e, aprendendo sobre o aprender da criança, poderá dar outro sentido ao seu ensinar.

*b) Fábulas de Monteiro Lobato na Educação infantil*

Monteiro Lobato, criador do *Sítio do Pica-Pau-Amarelo*, uma história passada em um ambiente rural que abriga personagens falantes como Emília, uma boneca de pano esperta e falante; um grande sábio feito de espiga de milho, com o nome de Visconde de Sabugosa; Pedrinho e Narizinho, netos de Dona Benta; uma vó que conta várias histórias e Tia Anastácia, a responsável por criar Emília e cuidar de todo o serviço do sítio.



**Figura 7** – Personagens do Sítio do Pica-Pau-Amarelo e ao centro Monteiro Lobato  
**Fonte:** <http://www.belasdicas.com/img/fotos/sitio%20do%20pica%20pau%20amarelo%2011.jpg>

De acordo com esta proposta, a criança da Educação Infantil poderá “conhecer as fábulas de Monteiro Lobato; ler e produzir textos e dramatizar uma fábula” (PESSOA, 2010, p. 1).

Poderão ser utilizadas duas aulas de 60 minutos.

A professora deverá motivar os alunos para o tema da aula. O momento da motivação ocorre antes do texto ou vídeo a ser apresentado as crianças, nesta etapa o professor deve despertar a curiosidade e a atenção dos ouvintes e estes deverão entrar na história como parte atuante.

Assim, ela deverá iniciar mostrando uma ou duas cenas do *Sítio do Pica-Pau-Amarelo*, exibido pela Rede Globo.

É fundamental que, durante a proposta, as crianças, que são os principais interlocutores dessa trajetória, sejam ouvidas. Desta forma, após tal mostra, a professora deverá pedir às crianças que façam uma roda e discutam questões como:

- a) Vocês conhecem essa obra?
- b) Quem a escreveu originalmente?
- c) Quem são os personagens?
- d) Vocês conhecem outras obras deste autor?

Terminado esta atividade, a professora poderá organizar as falas em cartolinas. Os alunos poderão realizar também desenhos que retratem o vídeo exibido em papel sulfite ou mesmo no computador, utilizando o *Paint* (PESSOA, 2010).

Em outra aula, os alunos poderão trazer de casa materiais sobre a vida e obra de Monteiro Lobato. Numa roda de conversa, os alunos se reunirão e mostrarão com o auxílio do professor, as pesquisas que fizeram. A professora deverá registrar por escrito, numa cartolina, as informações mais importantes, como por exemplo, as obras publicadas por Lobato, e afixará o cartaz em um mural na sala de aula.

Após a realização da lista das principais obras de Monteiro Lobato, a professora deverá separar na biblioteca da escola as que estiverem disponíveis e levá-las para a aula. Estas obras serão mostradas aos alunos, em uma roda de conversa e, conseqüentemente, em cada uma delas será lida uma parte, ou mesmo realizado um resumo oral enfatizando os personagens e o enredo. A partir desta

referência, a turma escolherá uma das obras mostradas para lê-la e encená-la (PESSOA, 2010).

O texto a ser encenado deverá ser construído pelas crianças, mediado pelo professor. Diante disso, alunos e professor discutirão sobre o enredo da história, sobre as falas e sobre os personagens de cada cena. Ao elaborarem cada cena, o professor deverá fazer com que os alunos pensem no seguinte:

- a) O quê (qual é a situação)?
- b) Onde (em que lugar ocorre)?
- c) Como (o que ocorre)?

A professora, mediante estas atividades, deverá verificar se o aluno conhece as fábulas de Monteiro Lobato, conta aspectos relacionados à vida e à obra do autor e dramatiza uma fábula (PESSOA, 2010).

Se realmente o educador quiser inculcar um hábito saudável de leitura, duradouro, faz-se necessário ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento do educando e motivá-lo a ir ajustando suas leituras, à medida que as necessidades intelectuais e as condições ambientais forem mudando, sem barrá-los nem impondo seus gostos, mas principalmente oferecendo fruição no ato de ler.

O educador deve proporcionar ao aluno uma viagem pela imaginação, uma aventura sem fim, algo que faça o aluno ir além, refletindo, duvidando e esclarecendo essas dúvidas, tentando avançar no horizonte, viagens que talvez nem mesmo o escritor tenha imaginado. Isto é, ler, viajar através da leitura, ser atuante na história. Só assim, os educadores poderão mostrar às crianças que eles são agentes, quer dizer, sujeitos ativos da história.

Resumindo, uma história, para prender a atenção das crianças e despertar a sua curiosidade, deve estimular a sua imaginação, além do que, após a exposição da mesma, atividades bem planejadas e divertidas devem ser trabalhadas, mas de acordo com o desenvolvimento intelectual de cada uma e de sua faixa etária.



## CONCLUSÃO

A promoção da leitura na escola só terá êxito se for ao encontro das necessidades das crianças. Através de leituras tão ricas pode-se constatar que as crianças se tornarão leitoras reais e autônomas se a elas forem dadas condições para isto.

Cada aluno segue sua própria trajetória. Dependendo do contato que tem com os textos, materiais de leitura e motivação recebidos por parte da família ou da escola, é que vai desenvolver a habilidade de ler.

A escola pode, juntamente com sua equipe pedagógica, optar por métodos mais modernos para o trabalho com a leitura, mas, em nosso estudo, pudemos constatar que há diversas atividades que podem ser embasadas na Literatura Infantil e que são de extrema qualidade a fim de despertar uma leitura prazerosa na criança desde a Educação Infantil. Viu-se exemplos como os Contos de Fadas e Fábulas de Monteiro Lobato que podem ser trabalhadas de modo rico e divertido para se firmar um leitor e não ledor.

A Literatura Infantil é um suporte extraordinário para despertar na criança sentimentos de pura fantasia, permitindo-lhe a ela como leitor um envolvimento com os personagens da história e com o contexto vivido por eles.

Esse processo leva a criança a ter experiências, viver situações reais no imaginário que o faz de conta, entre outros, propicia.

A Literatura Infantil, na perspectiva da leitura-prazer, tem por meta a exploração do processo de comunicação que a obra literária por si só já representa. Por meio da identificação e de trocas culturais do leitor com a obra, provocadas pela mediação do professor, as visões do mundo do aluno defrontam-se com as visões de mundo da obra.

Uma equipe pedagógica, com hábitos de leitura, pode contribuir para a formação de bons leitores. A influência do meio é que pode tanto estimular a leitura como também fazer com que os educandos não gostem de ler. Assim, o professor de Educação Infantil deve planejar atividades em que os alunos atuem de forma real, participando com entusiasmo, questionando sobre o que leem, estabelecendo relações entre a leitura que fazem hoje e a leitura que fez tempos antes, enfim, sendo agentes de transformação e, conseqüentemente, estará promovendo a leitura

de forma prazerosa, colocando-a no ponto mais alto à nossa existência.

Contudo, se a escola, como uma instituição educacional, conformar-se com a realidade em que vivemos, onde alunos passam de série sem saber ler e interpretar o que leem, sendo chamados de “analfabetos funcionais”, incapazes de compreender qualquer tipo de anúncio ou propaganda, certamente favorecerá o aumento de leitores irrealistas, e assim ajudará os alunos a acreditarem que o ato de ler é realmente um verdadeiro castigo.

A leitura não deve estar relacionada a notas. Tudo o que nos dá prazer, fazemos com mais prazer.

Cabe aos pais e educadores competentes realizarem esse processo de transformação por meio da leitura nos lares e na prática pedagógica, tendo consciência de que o filho e o educando é um ser em formação, em processo de construção do seu próprio conhecimento. E todo esse processo que só traz uma qualidade de vida melhor à criança e ao futuro adulto cidadão está firmado nos PCNs.

Portanto, com todo esse repertório acima, conclui-se que a Literatura Infantil possui benefícios para o desenvolvimento infantil e para a formação de um novo leitor.

A Educação Infantil precisa trabalhar a literatura com a meta de preparar futuros leitores e ao mesmo tempo estará explicando a língua e garantindo novas perspectivas para a formação de um grande cidadão, sem preconceitos, mais humilde, mais solidário.

Pode-se dizer que a criança através da Literatura Infantil desenvolve as demais capacidades psicossociais necessárias para sua vida adulta. A maneira que tal ato é trabalhado durante o Ensino Infantil é de fundamental importância, pois através desta iniciar-se-á o sentimento de prazer e a conscientização do ato da leitura.

O ensino da literatura infantil, para poder dar resposta à sua tarefa de desenvolver nas crianças a competência de ler, deve necessariamente oferecer incentivos e meios para que os aprendizes se interessem pela leitura, já que a literatura exerce grande influência na vida da criança.

Fica ainda ressaltada aqui a importância de o professor ler muito para seus alunos e oferecer, nas suas aulas, o despertar pela curiosidade aos livros de literatura e o gosto de ler, seguindo o seu exemplo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

AGUIAR, Vera Teixeira de. et al. **Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato editorial, 2001.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de leitura**. Porto Alegre: Projeto, 2009.

BETTLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES. Disponível em: < <http://universoliterario.wordpress.com/2009/12/17/branca-de-neve-e-os-sete-anoes-e-os-tres-porquinhos-no-teatro-gil-santana/>> Acesso em: 30 jun. 2014.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade Cultural. Brasília, DF, 2001.

CAMPOS, Márcia. **Como criar o hábito de ler livros nas crianças**. Disponível em: < <http://br.guiainfantil.com/estimulacao-infantil/444-como-criar-o-habito-de-ler-livros-nas-criancas.html>> Acesso em: 27 mai. 2014.

CANTINHO DE LEITURA. Disponível em: < <http://www.salaeduc.blogspot.com.br/2013/10/como-montar-e-decorar-sala-de-educacao.html>> Acesso em: 30 jun. 2014.

CASASANTA, Tereza. **Criança e Literatura**. 4.ed. Belo Horizonte: Veja, 1974.

CASASANTA, Tereza. **Criança e Literatura**. Belo Horizonte: Veja, 2004.

CASTELLO-PEREIRA, Leda Tessari. **Leitura de estudo: ler para aprender a estudar e estudar para aprender a ler**. Campinas: Alínea, 2003.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmica e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. **Literatura: Arte, Conhecimento e Vida.** Peirópolis: Fundação Peirópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo.** 4. ed. Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Ática, 2008.

COLL, César e TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo personagens: conteúdos essenciais para o ensino fundamental.** São Paulo: Ática, 2000.

CUNHA, M. Ata Antunes. **Literatura Infantil. Teoria & Prática.** 5.ed. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil. Teoria & Prática.** São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil. Teoria & Prática.** São Paulo: Ática, 1984.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **Da Leitura Literária na Educação Infantil.** 2004. Disponível em: <<http://livcultura.com.br>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais.** Coleção Educação. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

GARCEZ, Sabrina. Contos-da-carochinha, literatura infantil enriquece o processo de ler e escrever. **Revista do Professor.** n.77. Jan./mar.2004.

GROSSO, Lia Dalva Jacy. **Como preparar a criança para ler e escrever.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

HUPPES, Maria Cristina. **Literatura infantil: história e situação atual.** 2006. Disponível em: <<http://www.unifebe.edu.br/divuldagão/discente06.doc>>. Acesso em: 25 mai. 2014.

JESUALDO. **A literatura infantil.** 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

JOLIBERT, Josset. **Formando crianças leitoras.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LAFETÁ, João Luiz. **A crítica e o modernismo.** São Paulo: Editora 34, 2000.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil Brasileira: História e Histórias**. São Paulo: Ática, 2001.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MALAMUT, E. Contando ou lendo estória na pré-escola – **Revista do professor**. RS. Editora Cpoec, ano VI, nº 21, janeiro a março, 1990.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARUNY, Luís Curto. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3.ed. São Paulo: Summus, 1999.

MOREIRA, Maria Marciana. **O ensino integrado de português: leitura, gramática e redação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NUNES, Luciana Aparecida. **A literatura infantil de Monteiro Lobato e o ideário escolanovista**. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/94/95>> Acesso em: 30 mar. 2014.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **A Literatura Infantil**. 2000. Disponível em: <[WWWURL:file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Literatura/htm](http://WWWURL:file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Literatura/htm)> Acesso em: 30 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. **"Irmãos Grimm: Jacob e Wilhelm (Entre 1785 E 1863)"**. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/autores/grimm/grimm.htm>> Acesso em: 30 mar. 2014.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 2005.

PAIVA, Núbia Silvia Guimaraes. **Branca de neve e os sete anões: a linguagem teatral na Educação infantil**. 2010. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22617>> Acesso em: 30 jun. 2014.

PALO, Maria José e OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil: voz de criança**. São Paulo: Ática, 2001.

PESSOA, Maria Núbia. **Fábulas de Monteiro Lobato**. 2010. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26448>> Acesso em: 30 jun. 2014.

PRIOLLI, Julia. **Fraldas e livros: a importância da leitura para a primeira infância**. Revista Nova Escola. 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua->

portuguesa/alfabetizacao-inicial/fraldas-livros-423723.shtml> Acesso em: 30 mai. 2014.

REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura infantil**: Uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola. São Paulo: FTD, 2005.

REIS, Bia. Oba, hoje é dia de leitura. **Revista Nova Escola**. São Paulo, Maio de 2005, nº 182, p. 28-31.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil e Juvenil. Vivências de leitura e expressão criadora**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1993.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Viagens de leitura**. Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação à Distância, 1996.

RODRIGUES, Sheila Leal et.al. **Literatura infantil**: origens e tendências. 2013. Disponível em: <  
<http://www.unicruz.edu.br/mercosul/anais/2013/LINGUAGEM%20E%20DESENVOLVIMENTO%20SOCIOCULTURAL/ARTIGOS/LITERATURA%20INFANTIL%20ORIGENS%20E%20TENDENCIAS.PDF>> Acesso em: 30 mar. 2014.

SANGLARD, Alice. **Como formar leitores**. São Paulo: Moderna, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, Papirus, 2000.

SILVA, E. **Criticidade e leitura**. Campinas : Mercado de Letras, 1998.

SMARTKIDS. **Sítio do Picapau Amarelo**. Disponível em: <  
<http://www.smartkids.com.br/especiais/sitio-do-pica-pau-amarelo.html>> Acesso em: 30 mar. 2014.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global. 2003.

\_\_\_\_\_. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 11. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.